

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

SUZAN TÖLLER

**A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DE CASO**

PORTO ALEGRE
2018

SUZAN TÖLLER

**A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DE CASO**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Santos de Albuquerque.

Porto Alegre

2018

SUZAN TÖLLER

**A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DE CASO**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em

Profa. Dra. Simone Santos de Albuquerque – Orientadora

Profa. Dra. Luciana Vellinho Corso – Avaliadora

Profa. Me. Queila Almeida Vasconcelos – Avaliadora

Guardo em minha memória
Minha família de sangue e a de união
Eu não importo não
Porque família é família
De laços ou adoção
Mas o que importa é o coração
Na minha história eu escolho
Minha família que convivo
Dia-a-dia sem preconceito
E aqui termino com um conceito
Que independe do sujeito
Amo de coração

Jennifer de Lima Resende

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu energia e benefícios para concluir todo esse trabalho.

Aos meus grandes amores e incentivadores, minha mãe e filho. As palavras podem não ser suficientes para expressar o amor que tenho por vocês. Essa conquista é nossa, pois, se cheguei até aqui, foi porque tive o apoio e a confiança de minha mãe.

À minha avó amada que sempre esteve ao meu lado, com seus ensinamentos, conselhos e amor.

Devo a vocês as melhores recordações de minha infância, os melhores momentos de meu crescimento. Vocês são maravilhosas, os meus exemplos de vida! Amo vocês! Obrigada pela dedicação, carinho, cuidado comigo e com meu filho e por acreditarem em mim.

Ao meu irmão, mesmo longe, e ao meu padrasto, que contribuíram para que esse trabalho se realizasse.

Aos meus amigos, que sempre tiveram presentes ao longo de minha caminhada docente.

À escola EMEI Jardim de Praça, que permitiu a realização desta pesquisa.

A todos professores que tive a honra de conhecer durante a minha formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

À minha orientadora, Profa. Simone, agradeço por seu empenho e dedicação com que auxiliou em todas as etapas desta pesquisa, e por sua atenção e apoio, contribuindo significativamente para o sucesso de seus alunos.

Às professoras Luciana Corso e Queila Vasconcelos, que aceitaram fazer parte da banca de avaliação deste trabalho de conclusão de curso (TCC).

E, principalmente, agradeço às crianças e as famílias que observei, pois foram essenciais para a realização deste trabalho.

Agradeço, enfim, a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pesquisar a participação das famílias junto às práticas pedagógicas no cotidiano escolar. Buscou-se responder às seguintes questões: como acontece a participação das famílias nas propostas pedagógicas e no cotidiano escolar? Como proporcionar esta ação/relação/convívio no cotidiano da escola? Para tanto, foram utilizados referenciais teóricos do campo da Educação Infantil sobre as famílias no cotidiano escolar. Buscou-se analisar também a normatização e a legislação específicas sobre Educação Infantil tencionados com textos acadêmicos especializados nesta linha de estudos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três famílias e dois profissionais da escola, com o intuito de coletar dados acerca do problema delimitado. Foram desenvolvidas, também, observações em momentos livres das crianças junto às famílias na escola, em dois encontros, totalizando 16 horas, no período de dois meses, registrados em um caderno de anotações com o objetivo de problematizar, discutir e investigar o tema. O estudo suscitou a partir de seis categorias de análises, como: a importância do convite que acolhe e encoraja a entrada da família na escola e possibilitou constatar como a escola amplia suas formas de participação através de estratégias construídas, como a criação de um *blog*, festividades e avaliação, desenvolvendo, assim, meios de comunicação entre as famílias e a escola. Constatou-se, também, que o trabalho em equipe, através de uma gestão participativa, é fundamental para a motivação da participação das famílias no contexto escolar.

Palavras-chaves: Práticas pedagógicas. Participação da família. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to research families' participation in school pedagogical practices. It was aimed to answer the following questions: how does families' participation happen in pedagogical practices and school routine? How to make this action/relation/living possible within the school routine? To do so, theoretical references on the importance of families' participation in school's pedagogical practices were applied. The aim was also to analyze the legislation and official documents regarding Early Childhood and Child Education in comparison to some specialized academic texts in this field. Semi-structured interviews were also conducted with families and school employees in order to collect data regarding to this issue. Comments were also made by observing children's free moments with their families in the school, in two opportunities, totalizing 16 hours, in the period of two months, registered in a notebook with the objective of discussing and investigating the theme. This study arose the comprehension of the importance of making invitations which welcome and encourages families' participation through strategies such as the creation of a blog, celebrations and evaluation, developing, thus, means of communication between families and school. It was also found that team's work, through participative management, is fundamental for motivating families' participation in school.

Key-words: Pedagogical practices. Families' participation. Early Childhood and Child Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUZINDO A PROPOSTA DESTE ESTUDO	8
2	COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: DESCOBERTAS/EXPERIÊNCIAS	10
3	ENTRE ENTREVISTAS E AS OBSERVAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR	13
3.1	A ESCOLA: AMPLIANDO OLHARES.....	18
4	OS DESAFIOS DE ABRIR AS ESCOLAS PARA AS FAMÍLIAS	21
5	SOBRE UM INVESTIGADOR INICIANTE	39
5.1	CONVITE E ACOLHIMENTO: <i>"A gente chama a família"</i>	40
5.2	AÇÃO COMPLEMENTAR: <i>"Numa sociedade ideal, a escola complementa a ação da família"</i>	47
5.3	AS DIMENSÕES DA PARTICIPAÇÃO: <i>"Mas eu não sei nada, não pude colaborar"</i>	48
5.4	ESCOLA: ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DE TODOS.....	53
5.5	PROMOVER A PARTICIPAÇÃO: UMA PRÁTICA DE GESTÃO.....	56
5.6	A PARTICIPAÇÃO É UM PROCESSO CONSTRUÍDO: <i>"Eu gosto de participar, de estar por dentro"</i>	58
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>"Não precisa de uma fórmula mágica"</i>	61
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE A – Roteiro de observação	68
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista (Diretora/Professora)	69
	APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com a Família	72

1 INTRODUZINDO A PROPOSTA DESTE ESTUDO

Este é um estudo resultado do Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que se propõe a analisar cotidiano de uma escola de Educação Infantil, com o objetivo de problematizar a participação das famílias junto às práticas pedagógicas no cotidiano escolar. A escola oferta quatro turmas de pré-escola e que atende, preferencialmente, a comunidade localizada na zona urbana central da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/RS.

Optou-se por seguir uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando como técnicas a observação participante com a escrita dos diários de campo e entrevistas com a equipe da escola e as famílias das crianças. Este estudo se orienta a partir de uma compreensão de que os contextos familiares das crianças são múltiplos e configurados pelos responsáveis pela criança, e que possuem vínculos afetivos e nem sempre sanguíneos, ou seja, aqueles que participam do dia a dia da criança e que estabelecem relações com sua vida na escola.

Pretende-se, então, através do cotejo entre a leitura de normatizações e estudos específicos na área, bem como por meio da observação e das entrevistas, pesquisar e demonstrar como essa relação entre família e escola pode ser estabelecida de forma respeitosa, positiva e construtiva para o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, para valorização da família e para o funcionamento da escola enquanto instituição que cumpre a função social de convidar e acolher.

O texto está organizado em seis capítulos. No primeiro, o estudo é apresentado; no segundo, o tema de pesquisa é introduzido, bem como a justificativa sobre a pertinência desta escolha; o terceiro capítulo apresenta o delineamento metodológico, os instrumentos de coleta de dados, alguns aspectos da imersão em campo e o contexto de pesquisa; no quarto capítulo são apresentadas as perspectivas teóricas que embasaram as reflexões deste estudo; a análise é desenvolvida no quinto capítulo, a partir das observações das famílias junto às crianças no cotidiano escolar, das conversas e entrevistas realizadas com a equipe da escola – a diretora e uma professora –, e com três famílias, instigando a reflexão a respeito de **como a famílias e a escola constroem relações que contribuem nas práticas pedagógicas**; por

fim, o sexto capítulo apresenta considerações sobre as implicações entre a pesquisa realizada e a prática pedagógica.

2 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: DESCOBERTAS/EXPERIÊNCIAS

A escolha ocorreu através de um processo de descobertas sobre a Pedagogia, pois fui apresentada à profissão de professora em um período de indecisão, quando deveria decidir para qual curso fazer vestibular. Nesse mesmo período, pude participar da formatura da irmã de uma amiga que estava concluindo o curso de Pedagogia na UFRGS e, através da trajetória dela no curso e na docência, pude me enxergar como professora e resgatei em minhas lembranças o que mais me marcou na vida escolar, o “pré” (pré-escola).

A experiência que obtive na mini prática do curso, com a Educação infantil na turma de maternal, auxiliou na escolha do estágio obrigatório, o qual optei por realizar na pré-escola com crianças pequenas, pois foi um momento em que explorei muito os sentidos e as sensações com as crianças e me senti realizada.

Posteriormente pude retomar essa escolha na turma de jardim na Educação Infantil, no estágio obrigatório, com momentos de descobertas e curiosidades com as crianças. Durante o curso de Pedagogia participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que é uma ação Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), visando proporcionar aos discentes do curso uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. As bolsas são ofertadas na primeira metade do curso para que, desde o início da formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional estejam presentes.

Dessa forma, integrei o subprojeto PIBID Interdisciplinar, que buscava realizar atividades coletivas envolvendo Educação e Arte em escolas públicas, no curso de Pedagogia. As ações ocorrem em sala de aula protagonizadas por práticas, parcerias, estudos e planejamentos conjuntos entre bolsistas e professores da educação básica. Além da contribuição na formação docente dos acadêmicos, este programa fomenta diálogos e reflexões a partir das experiências.

Neste subprojeto pude vivenciar propostas com os alunos de anos iniciais e realizar a prática pedagógica com turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental. Os projetos desenvolvidos foram em docência compartilhada, ou seja, com planejamento e realização de atividades em conjunto; trocávamos de turma/ano a cada semestre, bem como fazíamos duplas com diferentes colegas, a fim de propiciar diferentes experiências quanto à faixa etária dos alunos e à docência compartilhada. As áreas

de conhecimentos interdisciplinar que precisávamos abranger eram: Alfabetização, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Sócio-Históricas, Artes Visuais, Educação Física e Ensino Religioso.

No primeiro semestre fui designada ao segundo ano do ensino fundamental e elaboramos o projeto “Identidades: Eu e os outros”; no semestre seguinte, pude participar do primeiro ano do ensino fundamental com o projeto “Crianças pela Natureza”. Este projeto me possibilitou experienciar a prática com crianças maiores e a escolher a faixa etária que abordaria no trabalho de conclusão do curso, a Educação Infantil.

O tema de TCC foi escolhido a partir do estágio obrigatório, com o grupo de alunas orientadas pela professora Simone Albuquerque. Primeiramente tivemos que nos dividir entre duas EMEIs e foi na disciplina de Seminário, onde as vivências do estágio eram compartilhadas entre as estagiárias, que me deparei com o relato de duas colegas que atuaram na escola EMEI Jardim de Praça, sobre a participação dos familiares junto às práticas pedagógicas daquela escola. A partir destes relatos, então, este tema me mobilizou e iniciei alguns questionamentos: como é possível proporcionar essas trocas junto aos familiares no cotidiano da escola? E como é a participação dos familiares em relação às práticas pedagógicas da escola?

Entende-se como prática pedagógica, neste trabalho, as vivências escolares das crianças, na perspectiva de respeito e legitimação de direitos, como a autora Crislaine Boito argumenta em sua dissertação de mestrado. Para fins de esclarecimento, cabe apontar a diferença entre proposta e prática pedagógica:

A proposta pedagógica da escola está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, e tem como objetivo principal garantir a autonomia das instituições de ensino no que se refere à gestão de suas questões pedagógicas, administrativas e financeiras. Na prática, se trata de um documento que define a linha orientadora de todas as ações da escola, desde sua estrutura curricular até suas práticas de gestão. A proposta pedagógica geralmente está baseada em uma linha educacional proposta e descrita em determinada teoria pedagógica. (FRANÇA, 2016)

Segundo documento elaborado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com o Ministério da Educação (MEC):

Assim, para caracterizar uma proposta educacional como intencional do ponto de vista pedagógico, torna-se necessário que o docente não realize a ação educativa como se fosse apenas uma tarefa a cumprir, nem se submeta à mera aplicação de propostas, de ideias, de técnicas, de planos ou de projetos concebidos por outros, em outros contextos. A docência é a prática na qual cada ação exige a tomada de uma decisão ou opção teórica. O

exercício do magistério envolve concepções, técnicas, procedimentos, instrumentos, estudos e projeção de experiências. Porém, esses artefatos precisam estar incorporados nos contextos sociais, nas interpretações que o docente pode efetuar do acontecido e lançar às metas que estabeleceu para o futuro. (BRASÍLIA, 2009, p.101)

É possível compreender, portanto, que a prática pedagógica vai muito além da proposta pedagógica que está prevista, conforme lei, em cada escola. A prática pedagógica, como citado anteriormente, corresponde ao que de fato acontece no cotidiano da escola, conforme a realidade de vida das crianças e as experiências da turma em relação às suas vivências e contextos familiares.

A temática do presente estudo, “A participação das famílias nas práticas pedagógicas no cotidiano da escola”, visa investigar como ocorre esta relação entre família e escola. Esta questão é apresentada nos documentos legais e na legislação da educação infantil que legitimam sua importância, porém existem diversos relatos negativos em experiências profissionais e/ou estágios, demonstrando o quão difícil é esta tarefa de aproximar e agregar a família à escola, de modo a compartilhar suas aprendizagens. Nesta perspectiva, o estudo pretende conhecer como ocorre esta troca e parceria com a família EMEI Jardim Praça. Para isso, pretende-se analisar as seguintes questões: Como acontece a participação das famílias nas propostas pedagógicas e no cotidiano escolar? Como proporcionar esta ação/relação/convívio no cotidiano da escola?

3 ENTRE ENTREVISTAS E AS OBSERVAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

Para que fosse possível observar e analisar as participações dos familiares nas práticas pedagógicas na escola, de quais formas são realizadas, orientadas ou não, foi realizada uma pesquisa de campo. Duarte (2002) faz algumas observações sobre a natureza de uma pesquisa. De acordo com a autora:

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (DUARTE, p.138, 2002)

A pesquisa foi direcionada às pessoas responsáveis que acompanham as crianças e possuem vínculo com o cotidiano da escola. Neste caso, considere:

[...] as mudanças na maneira de viver, a incorporação da mulher no mercado de trabalho (devido às dificuldades sócio-econômicas em algumas famílias), os divórcios e as separações, o estado de mães solteiras, os casais formados por pessoas do mesmo sexo, etc., têm contribuído para que a família nuclear esteja exposta à transformações na própria estrutura familiar e os papéis que desempenham cada membro da família em relação à educação de filhos. (LIMA, p.6, 2009-8)

Neste trabalho considero que a vinculação que se estabelece entre as crianças e seus familiares é de respeito e afeto, assim, as diferentes configurações familiares se dão por diferentes motivos (LIMA, 2009), como a inserção da mulher no mercado de trabalho por exercer direitos iguais, seja o motivo por dificuldades socioeconômicas ou por escolha. É importante considerar, no contexto atual, os grandes índices de mães, assim como de pais solteiros, que criam seus filhos, bem como casais formados por pessoas do mesmo sexo/homossexuais.

Na radiografia da Educação Infantil do Rio grande do sul (Radiografia da EI do TCE/RS, 2015) é possível encontrar dados a respeito da “Importância da oferta de vagas na educação infantil para a inserção da mulher no mercado de trabalho”, em que:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no número 33 da série Estudos e Pesquisas, denominado “Estatísticas de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010”, publicou que 30,3% das famílias que contam com filhos entre 0 e 5 anos têm a mulher como responsável. De acordo com os pesquisadores, “apesar da possibilidade de compartilhar as atividades relacionadas ao cuidado de dependentes com o cônjuge ou companheiro, quando este está presente no arranjo familiar, ainda assim

estas atividades recaem principalmente sobre a responsabilidade das mulheres, conforme indicam diversos estudos e pesquisas neste tema. (Radiografia da EI do TCE-RS, p.5, 2015)

O estudo também aborda a importância das vagas para crianças em instituições escolares para a presença da mulher no mercado de trabalho, – através de nível de ocupação das mulheres segundo a frequência de filhos em creche – de forma que as mães possam contar com essas instituições para o cuidado e educação dos seus filhos enquanto elas trabalham:

A influência da oferta de vaga em Creche na inserção da mulher no mercado de trabalho também pode ser observada através do resultado apresentado no Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM, 2014), da Secretaria de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República². Com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2012), a Secretaria de Política para as Mulheres constatou que, em 2012, das mulheres com todas/os as/os filhas/os de 0 a 3 anos na Creche, 72,9% estavam ocupadas, enquanto somente 42,6% daquelas sem nenhum/filha/o na Creche tinham ocupação (pg. 17). (Radiografia da EI do TCE-RS, p.7, 2015)

Desta forma, fica evidente a necessidade da oferta de escolas de educação Infantil, pois corresponde a uma demanda social que reflete na inserção da mulher no mercado de trabalho, conforme os índices encontrados no relatório (RASEAM, 2014) e na pesquisa (PNAD, 2012).

É importante considerar que, por escolha ou necessidade, em algumas situações, os parentes, vizinhos e/ou amigos da criança também estabeleçam estes vínculos e assumam responsabilidades pela criança, tornando-se parte de sua família, como Costa (2016) esclarece: “atualmente, diversas configurações e estruturas, onde não se pode mais afirmar que somente os “pais” são os responsáveis pelas crianças”. É possível compreender, dessa forma, que é desnecessário utilizar, neste caso, apenas o termo “pais” para tratar dos responsáveis pelas crianças, e concluir que os termos “responsáveis” e “cuidadores”, assim como o termo “família”, abrangem, forma mais completa, a diversidade que existe atualmente nessas funções.

Na escola observada foi possível reconhecer as seguintes configurações familiares: crianças que, em uma visão geral, convivem com suas mães e avós maternas. Em entrevista, a professora Débora, responsável pela turma JA2, relata que grande parte das crianças tem em sua estrutura familiar as mães, avós e irmãos presentes. E pontua que a figura paterna/pai, de forma geral, não mora com as crianças e apenas convive aos finais de semana.

As famílias das crianças puderam se expressar, através de entrevistas¹ – totalizando três famílias entrevistadas, que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa – que permitiram identificar de que forma as famílias percebem essa participação e o que eles pensam sobre as participações de familiares junto às práticas pedagógicas na escola de Educação Infantil. Essas entrevistas foram gravadas na forma de áudio e cada uma continha dez perguntas; a duração foi de aproximadamente 10 minutos com cada familiar. A temática das perguntas abordou os interesses desta pesquisa: investigar como os pais se organizam para participarem das propostas na escola e o que consideram destas participações de familiares junto às práticas pedagógicas.

Outra entrevista foi realizada com os funcionários da escola: uma professora e a diretora (responsável pela equipe da escola/direção) que puderam se expressar também. Essas entrevistas foram gravadas na forma de áudio, compostos por oito perguntas, e cada uma tem duração aproximada de 20 minutos. E que surgiram a partir das seguintes reflexões: do ponto de vista dos profissionais que atuam na escola, como é possível criar estratégias de participação com as famílias no ambiente escolar? As respostas, então, permitiram analisar/pesquisar as iniciativas, propostas e práticas da escola, bem como as possibilidades e/ou dificuldades de realizar estas ações. Já a escolha da professora para realizar a entrevista, foi através da disponibilidade de horários para assim viabilizar os encontros.

As observações e registros no diário de campo também contribuíram para essa análise. Foram realizados em dois encontros na escola: um encontro propiciado pela “festa da família”, no qual participei nos dois turnos da escola, para fomentar a observação das famílias e suas participações junto às crianças na escola. As atrações na festa incluíam “Pintura na calçada” (em que a calçada da escola era colorida pelas crianças e/junto às famílias), “Buffet de frutas”, “Show dos talentos” – no qual, crianças junto às famílias, poderiam apresentar/apresentavam algo que gostassem – e, “Talentos das crianças”. O segundo encontro foi viabilizado pela reunião de duas turmas JA com as famílias.

Para esta pesquisa foram utilizados dados coletados nas entrevistas com as famílias e a equipe da escola e, ao apresentar esses dados, foi realizada uma análise

¹ Na sessão dos anexos do trabalho encontra-se o roteiro das entrevistas.

sobre eles. Foi utilizada, portanto, uma abordagem qualitativa que, segundo Rosália Duarte (2002), geralmente demanda a realização de entrevistas. A autora explica que:

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas. [...] Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. (DUARTE, p.141, 2002)

Assim, esta investigação² buscou analisar, através da análise de suas respostas e das observações feitas no cotidiano da escola, que ocorreram na “Festa da família” e na reunião com as famílias das turmas de Jardim A (JA), o que os pais e a equipe da escola pensam sobre a participação das famílias no cotidiano escolar. Foi possível, dessa forma, delinear o problema de pesquisa: “como a família e a escola constroem relações que contribuem nas práticas pedagógicas?”

A observação, por isso, torna-se fundamental nesta pesquisa; implica predispor-se a olhar para observar cada criança e o grupo, como interagem com os familiares, de modo a alcançar e apreender as experiências significativas para elas.

Este estudo de caso foi realizado a partir da participação no cotidiano da escola, posto que fui observadora participante nas práticas pedagógicas. Ao observar as crianças é possível perceber a complexidades das suas ações, assim como o reconhecimento das relações entre as crianças e os familiares na escola. Faz-se importante, também, a escuta das crianças para a compreensão de seus modos de sentir, pensar, fazer, perguntar, desejar na/em relação com/aos familiares, assim como das alegrias provocadas ou interferências, situações conflitantes ou de cooperações.

Não existe fórmula, mas a escolha depende, em grande parte, de sua(s) questão(ões) de pesquisa. Quanto mais suas questões procurarem explicar algumas circunstâncias presente (por exemplo, "como" ou "por que" algum fenômeno social funciona), mais o método do estudo de caso será relevante. O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e "profunda" de algum fenômeno social. (YIN, p.4, 2015)

A pesquisa é composta, portanto, de uma análise qualitativa, a partir dos resultados obtidos, primeiramente, através da observação participante e, em seguida, das entrevistas realizadas com alguns familiares e equipe da escola (diretora e uma

² Saliento que a equipe da escola e as famílias estavam de acordo quanto as observações no cotidiano escolar e com as entrevistas realizadas, através do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

professora). Este procedimento objetiva compreender e interpretar os dados obtidos através do estudo de caso, relacionando-os, assim, à teoria de estudo em que esta pesquisa se baseia.

O estudo considera também a pesquisa bibliográfica, pois abrange fontes bibliográficas sobre a temática estudada, entre trabalhos de conclusão de curso (TCCs), teses, revistas e livros. O objetivo é, a partir da diversidade de fontes, propiciar a análise do tema sob diferentes enfoques.

Em vista disso, a pesquisa de campo é caracterizada como qualitativa-descritiva, pois contém a coleta de dados, que inclui entrevistas. Possui, também, caráter exploratório, pois considera a observação, de modo participante, do cotidiano escolar com a finalidade em aumentar a familiaridade da pesquisadora com o ambiente.

As observações foram realizadas com a finalidade de obter aspectos da realidade e analisar fenômenos que se deseja estudar, colocando o pesquisador em contato direto com a realidade. Para isso, elaboramos um roteiro³ para as observações, e assim, pude obter um olhar atento aos pontos destacados para serem observados no cotidiano escolar junto às famílias. Quanto à participação do observador, nesta pesquisa, é de modo participante, pois foram realizadas observações em grupos (entre as crianças e familiares), conforme a orientação e as propostas nas práticas da escola junto às famílias, realizadas no cotidiano da escola. Victora, Knauth e Hassen (2000) tratam da possível influência do observador no cenário observado:

[...] se traduz na necessidade de o pesquisador estar, ao mesmo tempo, distante e próximo do objeto de observação, ou seja, dentro e fora do evento observado. Além disso, é necessário saber medir os efeitos da presença do observador na própria observação, o que é provavelmente o procedimento mais difícil e importante envolvido nessa técnica. [...] A maneira mais pertinente de observar é tendo claro que a presença do observador é parte do evento observado. Torna-se necessário, portanto, avaliar os efeitos desta presença no próprio evento, tendo sempre em mente que muitas ações observadas podem ter sido geradas pela própria presença do observador. (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, p.62 ,2000)

O diário de campo foi constituído a partir do processo de pesquisa, já que, enquanto pesquisadores, as ações de descrever, explicar, revelar e interpretar o estudo de caso, assim como as relações dadas dos participantes, estão implicadas.

³ Roteiro de observação: em anexo.

Percebe-se, dessa forma, a importância de utilizar como instrumento o diário de campo nas descrições e anotações da investigação de pesquisa. Para Victora, Knauth e Hassen (2000):

[...] Muitas vezes, são as informações do diário de campo que nos dão subsídios para analisar os dados coletados de outra forma. Deve-se manter a lógica de um diário de viagem, no qual se escreve todo dia sem restrições. O diário é um documento pessoal do pesquisador, em que tudo deve ser registrado. Nesse sentido, ele difere bastante de um relatório de pesquisa que é um documento público baseado numa seleção de dados que o pesquisador prepara para apresentar. (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, p.73, 2000)

Evidencia-se, dessa maneira, a importância dos registros no diário de campo, pois é nesse instrumento que colocamos o que vimos, o que escutamos, e principalmente o que foi vivenciado e experienciado pelas crianças e pelas famílias a partir da visita de campo e estudos feitos sobre tema em questão.

Contudo, é o momento de “despejar o todo” de forma detalhada para depois, então, poder analisar e selecionar as informações relevantes. Como citado no livro *Pesquisa Qualitativa em Saúde*, na parte Técnicas de pesquisa: “fase de sistematização, ou seja, o fato de que ela funciona como um primeiro momento de organização e seleção da massa de “dados brutos”, a partir do qual é possível começar a refinar as análises” (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p.74). Esta técnica foi utilizada na coleta de dados e nos registros do diário de campo, selecionando os dados brutos para, então, avançar para a síntese de dados e realizar o relatório final que inclui a análise, a interpretação e as conclusões.

3.1 A ESCOLA: AMPLIANDO OLHARES

A escola da pesquisa está localizada na cidade de Porto Alegre/RS e foi escolhida para o estudo, primeiramente, por ser uma EMEI. A Escola Municipal de Ensino Infantil Jardim de Praça oferta pré-escola para crianças de 4 a 6 anos e realiza práticas junto às famílias. É válido pontuar que essa escola atende, preferencialmente, comunidades carentes; há uma criança que está no abrigo convivendo com seus irmãos.

Esta instituição atende atualmente 92 crianças, de 4 a 6 anos de idade, ofertando Educação Infantil, em duas turmas de pré-escola, nos turnos manhã e tarde, totalizando 4 turmas atendidas na escola em meio/um turno. Conta com 15

funcionários, entre os quais três professoras titulares das turmas – uma na turma JA2, a professora do JA1 e a professora do JB1 e JB2 (uma é ofertada pela manhã e outra pela tarde) –, duas estagiárias de apoio, duas estagiárias de inclusão, um auxiliar de serviços gerais, uma auxiliar de cozinha, uma secretária, uma estagiária de nutrição, um professor de Educação Física e um de Música, a coordenadora pedagógica que, além de fazer parte da direção, também é responsável por uma turma e, a diretora. No que se refere aos aspectos da organização da escola, possui sala de diretoria, duas salas de aula, um saguão amplo entre as salas e cozinha que oferta lanche escolar para as crianças no turno da manhã e no turno da tarde.

Há muitos brinquedos na pracinha da escola, como: balanço, gangorra, areia, vai e vem e uma casinha. A escola tem banheiros para as crianças entre as salas de aulas e possui uma passarela coberta a partir do portão de entrada até o saguão da escola para que os alunos possam se deslocar em dias de chuva. Há também um grande pátio, com espaço nos fundos da instituição com plantas dispostas em um canteiro construído, que também é utilizado para a realização de algumas atividades junto com as crianças, bem como nas laterais da escola com árvores, bancos e brinquedos construídos com sucatas. Essa área é mantida pelas turmas de pré-escola pesquisadas.

Nas turmas de pré-escola pesquisadas têm, aproximadamente, 22 crianças; na turma JA2 três das crianças são de inclusão. Nas outras turmas, no mínimo, há uma criança de inclusão, totalizando sete crianças inclusas.

Ponto que a maioria das crianças atendida por esta escola, convive – ou seja, tem em sua estrutura familiar – com mães e avós maternas. As moradias variam muito, pois algumas crianças vão à escola a pé, outras de carro, ônibus, e outras de van. Em entrevista, a professora Débora, da turma JA2, relata que grande parte das crianças tem as mães, avós e irmãos presentes em sua estrutura familiar. Já a figura paterna, em sua maioria, não mora com as crianças e convive aos finais de semana.

A Diretora Letícia, também entrevistada, tem 42 anos, é formada em Licenciatura em Pedagogia na Educação Infantil e especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela trabalha há 10 anos na sala de aula e está há 11 anos no cargo de direção na Educação Infantil, sendo que há 18 anos trabalha na prefeitura de Porto Alegre.

A professora Débora, também coordenadora da escola, tem 34 anos, é formada em Pedagogia com ênfase em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS), e é pós-graduada em Psicomotricidade Relacional na Universidade La Salle (Unilasalle). Em entrevista, relatou ter quase 18 anos de experiência com educação infantil e trabalhar há quatro anos na prefeitura de Porto Alegre.

4 OS DESAFIOS DE ABRIR AS ESCOLAS PARA AS FAMÍLIAS

O objetivo deste capítulo é apresentar a fase inicial da pesquisa, crucial para a projeção dos objetivos e da definição do local em que ela foi realizada, indo ao encontro, portanto ao tema escolhido. É necessário, para a ambientação do tema, uma revisão a partir da legislação e documentos normativos que abordam especificamente a Educação Infantil.

A revisão bibliográfica fundamenta-se, primeiramente, em legislação e documentos normativos específicos da Educação Infantil, bem como em estudos presentes em livros, Trabalho de Conclusão de Curso (TCCs), dissertações, teses e artigos que abordam a participação da família nas práticas pedagógicas na/da escola.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 2017), tratando-se da edição atualizada até março de 2017, consta que na educação infantil já está prevista a participação da família e da comunidade de forma a complementar o desenvolvimento integral, como podemos verificar no trecho a seguir:

SEÇÃO II – Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2017, p.22)

A leitura da Política Nacional de Educação Infantil (PNEI): pelo direito das crianças de zero e seis anos à educação, publicada em 2005, permitiu compreender, no que diz respeito à relação com a família, que a Educação infantil foi reconhecida como etapa da educação básica e passou a atuar como direito das crianças recentemente:

A Educação Infantil, embora tenha mais de um século de história como cuidado e educação extradomiciliar, somente nos últimos anos foi reconhecida como direito da criança, das famílias, como dever do Estado e como primeira etapa da Educação Básica. (BRASIL, 2005, p.7)

Na Constituição Federal de 1988, a educação das crianças de 0 a 6 anos, concebida, muitas vezes, como amparo e assistência, passou a figurar como direito do cidadão e dever do Estado, uma perspectiva educacional, em resposta aos movimentos sociais em defesa dos direitos das crianças. Nesse contexto, a proteção integral às crianças deve ser assegurada, como absoluta prioridade, pela família, pela sociedade e pelo poder público. (BRASIL, 2005, p.9)

Nas Diretrizes da Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2005), a escola de educação infantil passa a se caracterizar por ter funções diferentes das entendidas como próprias à família, e pelo entendimento da comunicação como de fundamental importância nessa etapa. Também integra o trabalho pedagógico à comunidade escolar, de forma que:

A Educação Infantil tem função diferenciada e complementar à ação da família, o que implica uma profunda, permanente e articulada comunicação entre elas. (BRASIL, 2005, p17)

As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem explicitar concepções, bem como definir diretrizes referentes à metodologia do trabalho pedagógico e ao processo de desenvolvimento/aprendizagem, prevendo a avaliação como parte do trabalho pedagógico, que envolve toda a comunidade escolar. (BRASIL, 2005, p.17-18)

Nesta legislação, um dos objetivos demonstra entender a relevância das relações entre Instituição de EI e as famílias:

Fortalecer as relações entre as instituições de Educação Infantil e as famílias e/ou responsáveis pelas crianças de 0 a 6 anos matriculadas nestas instituições. (BRASIL, 2005, p.19)

Como tal, nas estratégias desta legislação, valorizam e consideram formação para os familiares, como comunidades escolares, aumentando, assim, o vínculo entre família e escolar e propiciando o acompanhamento das crianças:

Apoiar tecnicamente momentos de formação para as famílias e as comunidades escolares, oportunizando o acompanhamento de seus filhos. (BRASIL, 2005, p.24)

Também prestigia, nas recomendações desta legislação, os familiares, comunidade, outros profissionais nas práticas pedagógicas, e não apenas o educador. Afirma que:

A prática pedagógica considera os saberes produzidos no cotidiano por todos os sujeitos envolvidos no processo: crianças, professoras e professores, pais, comunidade e outros profissionais; (BRASIL, p.27, 2005)

E, nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (PNQEI) (2006, volume 2), estão pressupostos a ser alcançados na escola, no que diz respeito à relação com a família, em diferentes esferas. Em nível estadual:

Adotem medidas, em articulação com os municípios, para assegurar que todas as instituições de Educação Infantil formulem e avaliem suas propostas pedagógicas com a participação da comunidade escolar orientando-as nesse processo. (BRASIL, 2006, p.17)

Em nível municipal:

Adotem medidas para assegurar que todas as instituições de Educação infantil formulem e avaliem suas propostas pedagógicas com a participação da comunidade escolar; (BRASIL, 2006, p.22)

Garantam a gestão democrática com a implantação de conselhos nas instituições públicas de Educação infantil, aprimorando as formas de participação da comunidade; (BRASIL, 2006, p.22)

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (PNQEI) (2008, volume 1) afirmam, no que diz respeito à Qualidade na Educação Infantil:

Fundamentos: 1. Concepção de criança e de pedagogia da Educação Infantil:

A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele (BRASIL, 1994a). (BRASIL, 2008, p.13)

Por fim, os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil: Dimensão cooperação e troca com as famílias e participação na rede de proteção social (BRASIL, 2009), no indicador 7.1. Respeito e acolhimento, apontam um notável interesse em saber como e/ou de qual forma a participação da família se estabelece nas escolas de EI, conforme trecho a seguir:

7.1.1. Os familiares sentem-se bem recebidos, acolhidos e tratados com respeito na instituição, inclusive em seu contato inicial?

7.1.2. As professoras e demais profissionais sentem-se respeitadas/os pelos familiares?

7.1.3. Reuniões e entrevistas com os familiares são realizadas em horários adequados a participação das famílias?

7.1.4. O horário de funcionamento e o calendário da instituição atendem às necessidades das famílias?

7.1.5. As professoras e demais profissionais conhecem os familiares das crianças (seus nomes, onde trabalham, sua religião, onde moram, se as crianças têm irmãos)? (BRASIL, 2009, p.55-56)

Essas ações entre política, parâmetros e indicadores inserem-se em um processo coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) de discussões políticas educacionais em parceria com os sistemas de ensino e a sociedade civil. As citações mencionadas evidenciam o esforço realizado, em âmbito federal, principalmente, desde a promulgação da Constituição, e nas esferas estaduais e municipais em prol da participação da comunidade e familiares no meio escolar, no sentido de definir uma

nova legalidade para crianças pequenas, de 0 até 6 anos. Objetiva-se, nesta pesquisa, salientar a relação com a família na Educação Infantil.

É possível observar que a lei entende que a educação também ocorre através de convivência humana, nos movimentos sociais e manifestações culturais, se estabelecendo em relações com as famílias e comunidades escolares. E as crianças pequenas, como podem ter acesso à formação dessas relações na escola de Educação infantil? De que forma é possível ofertar a elas, na prática, esta demanda?

Lima (2009) aponta as funções diferentes entre escola e família, mostrando os papéis de cada uma em seus contextos, com o dever de exercê-los, e afirma que:

A família tem o papel de acolher a criança e promover individuação e pertencimento. No convívio diário, nas conversas, na forma de proceder diante das rotinas do dia a dia é que a criança compreende os mitos, as crenças, os ritos de sua família, assim como a forma deles de viver e conviver. [...] A escola tem o papel de socializar o conhecimento e as relações. Ela precisa promover um espaço educativo propício aos riscos de acertar e errar, de levantar hipóteses, de discorrer o pensamento, enfim um espaço de aprendizagem. Esse contexto é individual e coletivo, é solitário e participativo. Torna-se, portanto, fundamental o grupo, as trocas e as diferenças. (LIMA, 2009, p.8)

A partir da leitura do trabalho de conclusão de curso, destacado a cima, foi possível identificar que tais considerações da autora estavam pautadas na observação de que escola e família exercem “papéis” diferentes. A partir disso, entendendo que a família e a escola tenham estes “papéis” diferentes, e que as famílias, ao participar na escola, trazem e compartilham os seus mitos, suas crenças e os ritos de família, de forma a fazer as crianças compreenderem as formas de cada pessoa viver e conviver. Deste modo, as crianças podem se apropriar de diferentes culturas e, ao mesmo tempo, abranger a família como parte da educação, junto à escola, participando. No dicionário Aurélio (2006), o verbete “participar” significa:

1. [...] informar, comunicar, participar uma decisão. 2. Ter ou tomar parte em. 3. Ter parcela em um todo, ou receber, em divisão ou partilha, parte de um todo. (FERREIRA, 2006, p.652)

Diante disso, Lima (2009) defende a participação da família na escola, através das propostas pedagógicas. Por esta razão, considera a importância da família compartilhar alguma de suas habilidades, funções de trabalho e/ou apenas em trazer uma curiosidade para as crianças, auxiliando, assim, na aprendizagem e socialização, pois:

A educação é um processo de mudança do qual a família, primeiro meio social da criança, precisa fazer parte, e esta participação deve acontecer por meio do auxílio e da motivação no processo de estudo. (LIMA, 2009-8, p.9)

Nesta análise deste TCC, identificou-se também que a participação da família deve ser incentivada pela escola, permitindo assim uma maior integração ao ambiente escolar, e esta participação não se restringe a assuntos pontuais, em que a escola entra em contato com o familiar apenas em casos de reuniões, entrega de boletins/pareceres, ou para relatar alguma atitude da criança que não condiz com o esperado. Através dessas atitudes, a escola afirma – ao demonstrar resistência a essa relação com a família – que: não estão preparados, incluindo professores, para aceitar outras formas de aprendizagens. Essas relações restritas, portanto, ao não envolver/vincular a família em outras demandas, não colaboram no trabalho pedagógico junto aos profissionais que nela atuam. Para uma colaboração plena, como afirma Lima (2009): “A escola deve abrir cada vez mais espaço para a participação da família, a ponto de serem co-autoras nas decisões administrativas e nas pedagógicas, o que contribui para o favorecimento da aprendizagem.” (LIMA, 2009, p.9). Sobre esta questão, a seguinte autora reflete:

[...] a participação das famílias como uma política educativa da escola precisa ser considerada em toda a complexidade, demarcando estratégias profícuas, como a utilização de horários adequados à realidade das famílias, dinâmicas convidativas e linguagem compreensível. Além disso, este deve ser um processo cotidiano, e não uma política de eventos, sejam eles para comemorações ou reclamações. (ALBUQUERQUE, 2014, p.623)

Albuquerque (2014) afirma que as estratégias profícuas são extremamente necessárias para que esta união entre família e a escola se crie e seja possível mantê-la, pois este deve ser um processo cotidiano, em que a família faça parte assiduamente da escola, seja para se integrar nas questões de gestão, opinando e fazendo parte das escolhas junto à escola/professores, ou para as participações pedagógicas. Por isso, a autora considera que a escola, junto ao interesse da família, precisa criar diálogos entre si, escuta, mantendo assim boa comunicação entre ambas, sabendo a carga horária de serviço/compromissos dos familiares, bem como os horários disponíveis para a ida à escola, suas funções de trabalho e de interesses. Ao fazer parte da escola, frequentando-a, a família irá saber o funcionamento na escola, horários a cumprir e sobre os projetos e as práticas pedagógicas, criando assim uma relação, pois essas relações estabelecidas no cotidiano da escola devem ser incentivadas. Como afirma a autora Simone Albuquerque:

Esta “socialização escolar” implica numa convivência mais tranquila de todos no contexto escolar, isto é, as famílias conhecem como funciona a escola e se engendram nessa lógica a tal ponto que ela influencia a socialização familiar e se aproxima dela. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 620)

Por conseguinte, Lima (2009) compreende que o professor/educador tem este desafio em mãos, em defender e argumentar a importância desta participação da família junto à escola, em mobilizar, se preciso, outros professores em prol desta relação potente. Nessa dinâmica, a partir deste estudo, acredita-se que o professor seja o principal agente que poderá oportunizar este vínculo, entendendo que esta participação é para agregar valores e aprendizagens às crianças, e não temer a perda de seu lugar como autoridade na sala de aula/escola, pois educação é esta troca de saberes, e quanto mais à família fizer parte da escola, melhor será para as crianças, no aspecto de terem um maior estímulo contribuindo para a aprendizagem.

É necessário que os educadores tenham este conhecimento em mãos, conscientizando-se da importância da participação das famílias no processo ensino-aprendizagem, podendo criar estratégias que possam garantir um maior número de famílias participando dos Órgãos Colegiados, das Reuniões propostas pela escola, garantindo sua participação na Gestão Escolar. Escola e família são duas instituições que são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano na medida em que efetivam sua inserção no meio social. (LIMA, 2009, p. 10)

Para Soares (2010), a participação da família na escola ajuda a saber e conhecer quais são as dificuldades das crianças e os conhecimentos, oferecendo maior confiança às crianças nas aprendizagens, pois se sentem valorizadas, refletindo em maior interesse e até mesmo diminuindo a indisciplina das crianças. À despeito do nível socioeconômico ou escolar das famílias, o importante é demonstrar interesse pela vida escolar dos filhos. A família não deve se sentir inferior ou/e sem condições de ensinar os filhos, pois as práticas pedagógicas vão além de conteúdos curriculares, principalmente na Educação Infantil.

[...] reuniões com os pais. [...] o professor ao assumir a posição de ataque, perde a oportunidade e também perde aquele que ali a sua frente está, pois dificilmente este pai ou esta mãe voltará à escola por sua livre escolha. Muitos destes pais se sentem impotentes, não sabendo como agir frente aos problemas passados pelos professores e por isso se afastam da escola, tentando em vão fugir do problema. (SOARES, 2010, p.17)

Diante disso, este estudo pressupõe que, para evitar esta “posição de ataque”, a escola deve ter cuidado, principalmente, os professores, pois eles falam diretamente com os familiares, normalmente, ao buscar e entregar a criança e, ao invés de trazer

a família cada vez mais próxima da escola, de forma convidativa, muitas vezes, acabam afugentando. Isso pode acontecer ao apenas reclamar e chamar atenção da criança aos familiares, não que isso esteja errado a todo ver, mas devemos cuidar a forma de falar, lidando com cautela nestes assuntos, não só reclamar e falar dos problemas das crianças, mas salientar também os avanços, qualidades, de forma a cativar e aproximar a família da escola.

O levantamento realizado por Klaus (2004) em sua dissertação de mestrado menciona que acompanhou em sua pesquisa as duas primeiras edições da campanha no ano de 2001, do Dia Nacional da Família na Escola, em que todas as escolas do Brasil se organizaram da melhor forma para receber as famílias. Relata que a ideia era ter uma "programação especial" para receber os pais e estudantes, conforme mostra o trecho a seguir:

Poderia citar ainda outras campanhas que dizem respeito (ou não) ao Governo Federal: Campanha Global pela educação; Campanha Nacional pelo Direito à Educação; Cidades Educadoras; Bolsa Escola; Amigos da Escola; enfim. (KLAUS, 2004, p.27)

Com base nesses apontamentos é possível compreender que o Governo Estadual, Municipal e Federal cria formas de/para incentivar essa “aliança entre família e escola”, termo usado pela autora. Porém, a escola não oportuniza outros momentos, além destes, como projetos para oferecer continuidade à participação da família à escola, e entendem “participação” da família como um dia esporadicamente ao ano, ou a cada semestre/trimestre, que preparam um dia “especial” através de campanhas ou programas criados pelo Governo, no qual a família não participará do real cotidiano da escola, sem saber, assim, o funcionamento da instituição.

E se essas iniciativas de campanhas ou programas do Governo, de realização obrigatória, não existissem? Será que haveria algum dia para a família frequentar a escola, no sentido de entrar na escola sem um motivo pontual a tratar e poder permanecer o tempo que desejar, para conhecê-la, participar das práticas, atividades/propostas pedagógicas?

Comenius (1997), que é nomeado como uns dos maiores educadores do século XVII, criador da Didática Moderna, com seu trabalho – uma de suas afirmações preferidas – “de ensinar tudo a todos”. Trazer para os dias de hoje a pedagogia de Comenius não implica nenhum inconveniente, para o efeito de reflexão junto a outros

autores da modernidade e da contemporaneidade da educação, pois, com certeza, todos eles utilizaram o grande pedagogo da Didactica Magna em seus trabalhos.

O autor destacou, no contexto estudado, que os pais devem se responsabilizar pela educação de seus filhos, pois são responsáveis pela vida deles. No entanto, menciona, posteriormente, a ideia de que os especialistas também devem se responsabilizar, pois os pais podem não dispor de tempo e não estarem preparados, alegando também que a educação é mais produtiva em grupo. Com isso, a educação passa a ser vista como tarefa exclusiva de especialistas, pois podem educar da melhor forma, de forma que a criança emigra da família para a escola.

Esta entrega/transferência do corpo da criança da família para a escola faz com que reflita sobre o preparo ou, melhor dizendo, o ritual que ocorre na maior parte das escolas de Educação Infantil. [...] que é denominado como processo de adaptação da criança. Ou seja, a criança emigra da família para a escola e, portanto, é preciso prepará-la e acostamá-la neste novo lugar que é a escola. Quem dita as regras, na maior parte das vezes, é a escola, e a criança e sua família passam por um processo de adaptação, de acostumar-se com a escola, com suas regras e com sua forma de funcionamento. (KLAUS, 2004, p.104)

E Comenius (1997) nos revela ainda que percebe a escola como um espaço de brincar, onde sempre é necessário haver algo novo e interessante, para que seja prazeroso e significativo, em que o conhecimento deve ter relação com o cotidiano das crianças. Através deste autor é possível analisar a ideia da família junto à educação, já apontada há mais de quatro séculos; o que muda na atualidade, porém, é que esta relação está sendo repensada através da união entre a família e a escola, criando, assim, uma “relação” entre os mesmos através das participações da família ao cotidiano da escola. Quando o autor argumenta ser necessário que o conhecimento tenha relação com o cotidiano, remete-se a esta ideia, em a criança conhecer o que a cerca, maneiras de viver, cultura, e isso é possível através da família, ao participar e trazer aprendizagens do cotidiano, ao ensinar aquilo que sabe.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):
Conhecendo o mundo, volume 3:

Constata-se em muitas instituições que estas relações têm sido conflituosas, baseadas numa concepção equivocada de que as famílias dificultam o processo de socialização e de aprendizagem das crianças. No caso das famílias de baixa renda, por serem consideradas como portadoras de carências de toda ordem. No caso das famílias de maior poder aquisitivo, a crítica incide na relação afetiva estabelecida com as crianças. Esta

concepção traduz um preconceito que gera ações discriminatórias, impedindo o diálogo. (BRASIL, 1998, p.75)

Por conseguinte:

Cada família e suas crianças são portadoras de um vasto repertório que se constitui em material rico e farto para o exercício do diálogo, aprendizagem com a diferença, a não discriminação e as atitudes não preconceituosas. Estas capacidades são necessárias para o desenvolvimento de uma postura ética nas relações humanas. Nesse sentido, as instituições de educação infantil, por intermédio de seus profissionais, devem desenvolver a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias. (BRASIL, 1998, p.77)

Em vista disto:

Em geral a troca de informações é diária com as famílias, principalmente quando há cuidados especiais que a criança esteja necessitando. Assim, para que o professor não fique sobrecarregado pela necessidade de dar atenção às famílias e crianças ao mesmo tempo, o planejamento deste momento — em conjunto com os pais e a ajuda de outros funcionários — é fundamental para o relacionamento de todos os envolvidos. (BRASIL, 1998, p.78)

Desse modo:

É possível integrar o conhecimento das famílias nos projetos e demais atividades pedagógicas. Não só as questões culturais e regionais podem ser inseridas nas programações por meio da participação de pais e demais familiares, mas também as questões afetivas e motivações familiares podem fazer parte do cotidiano pedagógico. Por exemplo, a história da escolha do nome das crianças, as brincadeiras preferidas dos pais na infância, as histórias de vida etc. podem tornar-se parte integrante de projetos a serem trabalhados com as crianças. (BRASIL, 1998, p.79)

Tal proposta Curricular Nacional para a Educação Infantil demonstra a realidade que tem ocorrido nas escolas através de concepções equivocadas, dificultando o trabalho compartilhado, bem como as oportunidades com exemplos de como viabilizar esse trabalho de integrar a família nos projetos e atividades na escola, de modo a compartilhar os conhecimentos.

No estudo de Klaus (2004), argumenta-se sobre a coordenadoria dos PCNs por dizer "família é família, escola é escola", por serem entendidas como duas instituições totalmente distintas e com funções diferentes. Apesar da própria escola ter reforçado a ideia que deveria ser extensão da casa, os Parâmetros as definem como duas instituições distintas que devem se esforçar e articular em suas diferenças. Klaus (2004) também aborda o processo de pedagogização da família e fala sobre o Guia "Educar é uma tarefa de todos nós", foi direcionado para os anos iniciais, com a finalidade de que os familiares acompanhem a vida escolar das crianças, valorizem

suas tarefas e as estimulem a gostar de aprender, porém não no sentido de tornarem-se professores.

Costa (2016) mostra em sua pesquisa o que os “pais”/família pensam e esperam sobre a ida de seu filho à escola de Educação Infantil, em que aborda alguns temas, como escolha da matrícula, mudanças que perceberam ou não quanto à obrigatoriedade na educação Infantil na pré-escola, e as implicações dessa educação no futuro das crianças. Porém, ressalta a crítica ao baixo retorno que obteve das famílias em responder o questionário, com isso a autora reflete sobre o que tal atitude pode demonstrar, como podemos perceber no trecho abaixo:

Seria essa atitude a resposta a um vínculo pouco estruturado que essas famílias para com a instituição? Seria uma falta de interesse pelas questões que não estariam diretamente relacionadas ao cotidiano da criança? Ou poderia também ser um retrato da desvalorização do estudo da “pesquisa” na vida das famílias. (COSTA, 2016, p.17)

Apesar destes indícios, a autora afirma que não pode concluir os questionamentos porque não pôde conversar com as famílias, com a hipótese também de que os familiares se sintam constrangidos. E, em cada questão os resultados variam, mas o que saliento nesta pesquisa é o motivo para a escolha da matrícula na Educação Infantil para seus filhos, e o principal motivo foi a questão de os “pais”/familiares terem que trabalhar e não ter onde deixar as crianças. O segundo motivo apontado, foi para promover a socialização entre as crianças, em terceiro lugar, foi para base de desenvolvimento para o ensino fundamental, e por último, destacado como interesse das próprias crianças, em que a criança demonstrou desejo em frequentar a escola. Após essas questões, as perguntas levantadas pela autora foram: “a família, pai, mãe e outros, não são pessoas que temos que nos relacionar também?”; “será que é somente na escola que se aprende a conviver em sociedade?”

Sim, é também competência da Educação Infantil desenvolver a criança em sua totalidade e de forma integral, levando em conta seus aspectos morais e intelectuais, porém, esse desenvolvimento deve ser em parceria com as famílias, essa não poderia ser a maior mudança na criança visto que esses valores também deveriam se “ensinados” em casa. (COSTA, 2016, p.26)

O estudo de Costa (2016) aponta, ainda, questões de socialização, sobre dividir experiências e se relacionar entre crianças, mencionando que o espaço escolar está se tornando o ponto de maior convívio/encontro entre essas crianças, pois o número de crianças nas famílias está diminuindo. Contudo, não se pode generalizar essas

relações feitas anteriormente pelo autor. Há também um questionamento: devido à obrigatoriedade da educação infantil, haverá uma presença maior das famílias das crianças nas escolas?

Freire (2007) defende a importância das crianças perceberem que o professor não é dono do saber e em mostrar que seus pais também sabem e que podem vir à escola, seja para trocar conhecimentos ou para participar de alguma prática. A autora revela em seu livro várias maneiras de incluir as famílias nas práticas pedagógicas. Ela argumenta:

A experiência de ter os pais trabalhando comigo proporcionou-me elementos a mais no conhecimento das crianças, pois pude observá-las trabalhando com um outro educador. Aprendi muito com todos eles, desde o conhecer os órgãos da cobra, o fazer o pão, os micróbios crescendo na placa, o soro, as vacinas, até os encaminhamentos que cada um teve com cada criança. Para mim, como professora, foram momentos de emoção e alegria, tê-los trabalhando juntamente comigo a com as crianças. (FREIRE, 2007, p.65)

A autora relata que teve a preocupação de conhecer o trabalho dos pais, em visitas, mas não no sentido de conhecer apenas curiosidades de suas profissões, mas como um todo, possibilitando e instigando, assim, vários canais de expressão para as crianças. Ela afirma, portanto, a importância de oportunizar que outros educadores frequentem a escola, sem ser o professor, mas a família, como também outras pessoas, para que as crianças tenham contato no cotidiano escolar. Segundo ela: “E não seria mesmo a escola o lugar apropriado para reunir os educadores?” (FREIRE, 2007, p.118).

[...] gostaria de salientar é a importância que senti nas crianças de terem os pais, as mães, dentro do nosso trabalho. [...] A educação como um processo de conhecimento que engloba tudo e todos - escola e pais. Nesse processo, pais, irmãos e amigos (outras crianças) também veem a escola. Recebemos a visita de irmãos e amigos durante o ano que vieram pelos motivos mais diversos - falar sobre suas escolas, sobre bichos, ensinar-nos como fazia flauta de barro, jogar futebol. (FREIRE, 2007, p.120)

No livro *Crianças, professores e famílias: olhares sobre a Educação Infantil* é retratado um encontro entre professoras e estudantes da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com professores, bebês, crianças e famílias de duas unidades municipais de Educação Infantil (UMEIs) de Belo Horizonte, UMEI Silva Lobo e UMEI Grajaú. O encontro ocorreu com objetivos em comum de compreender as complexas relações entre as crianças, as professoras e as famílias, e desenvolver, em parceria com as profissionais das UMEIs e com as

famílias, ações que favorecessem o aprimoramento das práticas pedagógicas nesses ambientes.

A parte que ressalto do livro, que tem como subtítulo: “Como as professoras veem as famílias dos bebês e as suas relações com a UMEI”, mostra como a direção da escola exerce papel fundamental ao reforçar a importância dos professores se aproximarem das famílias. Primeiramente, acolhendo os familiares das crianças através de um “olhar” positivo sobre elas, refletindo junto à família sobre seus saberes e compartilhando o que desenvolvem nesta escola. Para iniciar esta aproximação e estimular a participação das famílias na escola, o livro expõe comentários/entrevistas das educadoras da instituição sobre suas experiências docentes; entre elas, mencionarei a professora Leda, em 2014, da escola EMEI Grajaú:

[...] as professoras são também as que de fato autorizam a presença das famílias no berçário, que as acolhem. Leda contou como, durante o período de adaptação das(os) bebês, as professoras precisam construir “liberdade para as mães estarem na escola”. Além disso, ela lembra que esse também é o momento para mostrar as atividades realizadas, “conhecer o professor - ainda não tem uma rotina formada -, mas ela [mãe] já vai saber todas as atividades. (SILVA; LUZ; GOULART, 2016. p. 143)

Outra questão abordada no livro, sobre “Relações das famílias com a EMEI e suas (seus) profissionais”, menciona que: “observamos que é nas reuniões que os pais encontram maior oportunidade de conhecer aquilo que os filhos fazem na escola” (*idem, ibidem*, p.170).

A partir deste estudo, entende-se que não se tem este hábito de frequentar a escola em seu cotidiano, com a aproximação da família à escola, e que isso poderia ser modificado, de forma que a reunião não seja o único momento em que a família tenha a oportunidade e o acolhimento para saber o que seus filhos aprendem na escola, o que acontece e/ou como se dá o cotidiano escolar. O livro narra o caso de um pai que foi à escola e ficou por volta de duas horas, na parte da manhã, para participar e dividir uma experiência com os colegas de seu filho.

[...] pai descreveu uma situação em que levou pintinhos para a turma do seu filho, relatando que as crianças “fizeram a maior festa” com os animais e que o seu filho, à época com 3 anos, havia explicado aos colegas sobre essas aves. A forma como esse pai se expressou permitiu que percebêssemos a felicidade que essa oportunidade lhe proporcionou. (SILVA; LUZ; GOULART, 2016, p. 171)

Na escola EMEI Grajaú, na questão “Como as famílias veem o trabalho da EMEI e das professoras no cuidado e na Educação de seus filhos”, nota-se que

utilizam e valorizam as formas de comunicação que desenvolvem com as famílias, para que elas possam conhecer o trabalho que é desenvolvido. Também não descartam a possibilidade de ampliar esse diálogo, visando o fortalecimento da parceria. Neste sentido, essa observação demonstra a importância de a escola abrir espaço para o diálogo com famílias; esse é um grande passo que poderá desencadear/oportunizar a participação dos familiares na escola, oferecendo, assim, continuidade a estas percepções.

Bonfante (2017) defende em sua pesquisa que, por mais que existam materiais potencializadores, lugares/espços adequados para realizar as práticas pedagógicas em prol das crianças, nada disso ausenta a necessidade da presença, interesse e participação da família na escola. Como a autora explica:

Apenas a presença desses recursos, porém, não é suficiente; é necessário que haja um adulto disponível para servir de mediador, facilitando e tornando mais prazeroso esse processo. Mesmo nos casos em que os pais não têm instrução e não saberiam como realizar determinada tarefa, podem ajudar apenas estando presentes e incentivando o filho naquele momento. (BONFANTE, 2017, p. 20)

É possível compreender, desta forma, a necessidade de incentivar a participação dos pais no ambiente escolar, oferecendo seu espaço de forma convidativa, valorizando, assim, as práticas educativas familiares. Formando uma parceria com a família, incentivando e criando oportunidades para que se sintam à vontade para participar da vida escolar da criança, proporcionando um desenvolvimento mais satisfatório.

Todavia, uma boa relação entre esses dois contextos contribui significativamente para o sucesso educativo e um bom desenvolvimento de crianças e adolescentes. Essa aproximação só ocorrerá, porém, se ambas estiverem interessadas, empenhadas e abertas, buscando reconhecer suas responsabilidades e não julgando uma a outra. Possibilitando, assim, uma relação onde cada contexto seja respeitado e valorizado abrindo espaço para uma nova comunicação entre ambos e estabelecendo novas práticas que beneficiem a todos os envolvidos. (BONFANTE, 2017, p.21)

Diante disso, Boito (2017) mostra estratégias que a escola de Ensino São Sebastião tem buscado para se aproximar da família, como elaboração de questionários, procurando um modo de criar diálogo e, assim, melhorar a comunicação entre escola e a família.

Outra forma apontada pela pesquisa é um projeto permanente desenvolvido desde o ano 2014, que consiste em visitas às famílias. Essa prática foi ressaltada por

ser a mais lembrada pelas crianças e salientada pelas famílias, quanto questionadas, sobre algo a compartilhar sobre os projetos ou propostas desenvolvidas pela escola. Esta escola adaptou-se à região e às crianças que a frequentam: a organização das práticas pedagógicas envolve o trabalho na terra, a produção e o respeito à natureza, pois trabalhar no campo é a realidade dessas famílias. A escola aborda, então, o princípio "trabalhar as coisas do campo no contexto da escola", com práticas, metas e estratégias de ação no Projeto Político Pedagógico (2016) da escola.

Vinculado a este contexto relacional, o fato das crianças terem possibilidade de compartilhar experiências, vividas em casa junto às suas famílias, com seus colegas e suas professoras no cuidado da horta na escola, por exemplo, é um indicativo de que na EMEF São Sebastião a função social e cultural da escola se articula à dinâmica social e cultural do campo. [...] Concomitante às trocas e aprendizagens envolvendo a relação com a terra, e almejando viver na escola um projeto de educação atento às realidades e necessidades da comunidade. (BOITO, 2017, p.121-122)

Para isso, a pesquisadora Boito (2017) salienta que as práticas pedagógicas exigem das professoras um olhar diferente para relacionar o cotidiano da escola à prática escolar, à dinâmica do campo e ao currículo. Instiga, assim, uma alternativa para desmitificar o urbano como "caminho único e natural de desenvolvimento", em um contexto rico de experiências pontuais, conforme a realidade das crianças/do cotidiano escolar.

Curvelo (2012), na sua pesquisa de mestrado em Educação, argumenta que a escola deve ser local de vidas e relacionamentos compartilhados entre muitas crianças e adultos, pensada como organismo vivo e integral. Afirma, ainda, que escola e família têm formas e metas diferentes, mas estão educando uma mesma criança. A escola precisa "olhar além dos muros", para conhecer e aproximar as famílias, tal forma que, compreenda, respeite e assim, colabore junto a elas nas práticas educativas.

[...] pesquisas consultadas, a formação do educador - inicial e continuada - é vista como lócus privilegiado para que se possa, colaborativamente, discutir os papéis da escola e da família na educação da infância, minimizando preconceitos sobre as famílias, seus arranjos de vida, suas culturas e organização. A meta deve ser permitir ao educador ver, a família, uma parceria, com a qual discute, planeja e divide a tarefa de promover o desenvolvimento das crianças." (CURVELO, 2012, p.38)

Curvelo (2012) realizou entrevistas com duas professoras sobre "Família e escola: uma relação possível". A primeira professora relata que há um medo no início

desta profissão, em parte, por causa da própria docência em que o foco está apenas nas crianças, sem a preocupação e embasamento da importância da família junto à escola, em acompanhar, e quanto à participação no desenvolvimento das crianças.

Ela relata, principalmente, que esse medo pode ser causado pela escola se colocar no papel de "proteger o espaço", impondo limites e ordens ao corpo docente – relação hierárquica –, evitando assim que os familiares venham a se sentir confortáveis para frequentá-la. A segunda professora deixa claro que a família deve ser apoiadora, oferecendo suporte para que as crianças aprendam. Para ela, como os familiares não têm formação específica e conteúdos escolares, isso não deve ser cobrado da família.

É possível compreender, então, que a clareza nas funções educativas da escola e da família é necessária, pois desempenham funções diferentes.

[...] podemos depreender que uma boa e saudável relação com as famílias viabiliza-se por meio de muitas e variadas ações: o estabelecimento de um diálogo franco e de confiança entre professores e familiares; uma postura comprometida do professor com o desenvolvimento integral da criança; e, ainda, a identificação de espaços de convivência para que famílias e aqueles compõem o ambiente escolar possam se encontrar, conversar, trocar ideias e, assim, formar e manter vínculos de todo tipo, mas especialmente os afetivos. Contudo, se existem facilitadores, existem também barreiras e dificuldades que se impõe ao trabalho parceiro com as famílias. (CURVELO, 2012, p. 100)

O interessante deste estudo de Curvelo (2012) está em analisar os apontamentos feitos pelas professoras entrevistadas. A segunda professora se dedicou a conhecer melhor as famílias para minimizar o julgamento que poderia fazer das famílias que não correspondem às propostas de participação, diferente da primeira professora, cujo interesse em conhecer as famílias era em prol de entender o porquê as crianças mostram determinados comportamentos. As duas professoras entrevistadas relacionam os trabalhos das mães como uma demanda social, mas que restringe possibilidades de uma participação mais ampla na vida escolar dos filhos.

No entanto, a segunda professora destaca que, muitas vezes, a falta de tempo da mãe não significa o desinteresse e que não descarta a possibilidade de a escola estabelecer uma relação com essa família. Por isso, a autora afirma a importância de potencializar o uso da comunicação, nas suas variadas formas, oferecendo e dispondo alternativas para as famílias. Ela afirma:

[...] as professoras manifestaram as angústias vividas nas escolas, no relacionamento com os colegas, nas dificuldades enfrentadas ao se verem

divididas entre ser parte de um grupo profissional - algo essencial para identidade docente - ou manter-se à parte, realizando sozinhas e solitariamente um empreendimento que ambas viam como essencial para o sucesso de seus respectivos trabalhos: a aproximação com as famílias de suas crianças, na expectativa de ampliar a qualidade das atividades realizadas e, conseqüentemente, a do desenvolvimento das crianças. Essa é uma escolha plena de contradições: optando por ficar ao lado do coletivo profissional, deixariam de conviver e colaborar com as famílias e teriam seu trabalho empobrecido. Se a escolha fosse pela relação com as famílias, mas à custa de se verem excluídas parcial ou totalmente de seu grupo profissional, em um cotidiano solitário e repleto de tensões." (CURVELO, 2012, p.103)

As pesquisas citadas permitem compreender que essas contradições são uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas, o que impossibilita, em parte, o trabalho do professor, pois a necessidade de criar o sentimento de confiança em ambas partes, entre educador/escola e família, é fundamental para um melhor desenvolvimento da criança e para que seja possível, dessa forma, realizar uma construção partilhada na escola.

A partir das conclusões de Curvelo (2012) sobre comunicação e confiança, é possível analisar e salientar a necessidade de manter boa comunicação, que se traduz em confiança, entre escola e família. É possível perceber, ainda, que a confiança só poderá ser firmada a partir de uma boa comunicação entre ambas às partes, o que demonstra que os dois eixos abordados no trabalho da autora devem caminhar juntos para obter sucesso na participação da família na escola.

Albuquerque (2009) argumenta sobre "Relação família e escola: complementar, enfrentar, confrontar?", em sua pesquisa, em que analisa seis contextos familiares que vivenciavam a educação das crianças pequenas em contextos coletivos.

O estudo mostra que os familiares compreendem a escola como uma possibilidade de "socialização compartilhada"; conforme a autora, as experiências entre família e escola apontavam para os sentidos de enfrentamento de valores e culturas; a falta de comunicação e de trocas são os principais fatores que levam à má compreensão da escola com as famílias em questão. É mencionado o estereótipo – sujeitos, dentro das características consideradas como correta pela instituição/escola, pensando em ações e falas, nas diversas formas e estratégias utilizadas para "encaixar" todos – que a escola constrói em relação às crianças, assim como jovens que a frequentam, com isso, dificultando ainda mais, o diálogo, troca e a "entrada" na escola. Na pesquisa é constatado que a escola oportuniza a integração dos

pais/famílias somente em datas comemorativas, logo as participações da família na escola são marcadas por eventos.

A partir destas conclusões, é possível identificar que o empecilho para um vínculo maior entre família e escola pode partir da escola, através da criação de estereótipos, em buscar alunos que não existem, ao criarem crianças e adolescentes idealizados, ao excluir outros modos/tipos “de ser”. É importante lembrar, todavia, que cada um se estabelece através de suas vivências, de sua vida.

Uma das conclusões foi a de que as famílias enxergam na escola uma possibilidade de “socialização compartilhada”, logo isso mostra o olhar das famílias a respeito da escola, em que eles esperam esse retorno, serem incluídas – e, por que não, – fazer “parte” da escola, da vida escolar de seus filhos? A forma de viabilizar estes meios começa com comunicação e participação eficientes, em ser/se tornar uma escola “aberta”, transparente e convidativa.

Diante disso, Albuquerque (2009) enfatiza também que a escola “estar aberta”, vai muito além do significado dos portões estarem abertos; é necessário dispor horários para atender as famílias, ser flexível de acordo com as necessidades diversas de cada família, incluí-las na escola, na gestão, nas práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, agregar a comunidade em que as crianças vivem. A experiência da pesquisadora ao conhecer a comunidade onde as crianças vivem foi de suma importância para compreender melhor as relações entre família e criança/infância. Ela destaca que: "compreendi que é urgente procurar estratégias e possibilidades para estabelecer um elo entre o contexto escolar e o contexto familiar" (ALBUQUERQUE, 2009, p.348).

Lacerda (2012) argumenta, além do que abordamos anteriormente, que a participação da família na escola promove uma educação de qualidade, que devem trabalhar em prol da construção de cidadania e que, para isso, a família precisa trabalhar em conjunto com a instituição educacional.

Lacerda salienta que a escola, à vista disso, tenha o papel de complementar e contribuir para o desenvolvimento educacional da criança, a partir do que a família já ensinou como primeira educação. Menciona que os valores das crianças devem ser trabalhados minuciosamente pela escola e pela família, no sentido de ser capaz de amar “seres inacabados”, em compreender o próximo e respeitá-lo.

Fica claro, dessa forma, que a educação das crianças deve ser trabalhada atenciosamente, já que "nós somos seres inacabados, o qual deve ser lapidado

sempre" (LACERDA, 2012). É possível afirmar, assim, que a participação da família é fundamental no processo educacional dos filhos, posto que, para que, esse processo seja integral, precisa ser conduzido por essas duas instituições sociais, família e escola, essenciais para o desenvolvimento da criança.

5 SOBRE UM INVESTIGADOR INICIANTE

Nesta sessão do trabalho são apresentadas as análises, tendo como subsídio as transcrições das entrevistas, os diários de campo relativo às observações realizadas no cotidiano da escola com as famílias. É pertinente, por isso, retomar as questões que foram o ponto de partida para este estudo: como acontece a participação das famílias nas propostas pedagógicas e no cotidiano escolar? Como proporcionar esta ação/relação/convívio no cotidiano da escola?

Nesta perspectiva, a análise de conteúdo foi construída através da observação de pontos em comum entre os sujeitos entrevistados, bem como através de anotações feitas no diário de campo sobre práticas pedagógicas junto aos familiares.

Bardin (2009), ao tratar da análise de conteúdo, afirma que o pesquisador ou pesquisadora torna-se um investigador iniciante natarefa de criar um jogo entre hipóteses, técnicas e interpretação. Segundo ela, “porque a análise de conteúdo se faz pela prática”. (BARDIN, 2009, p.51)

Quanto à questão de técnicas e métodos, a autora defende que é preciso, em um plano inicial, que exista a organização da análise e, consecutivamente, a codificação de resultados, bem como as categorizações e as inferências e, por fim, a informatização da análise das comunicações. Em suma, a análise possui diferentes fases de conteúdo que se organizam, conforme Bardin (2009, p.121), em torno de: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. A pré-análise objetiva uma sistematização, que é a escolha dos documentos a serem submetidos à análise e também a formulação de hipóteses – elaborar indicadores – para interpretação final.

Neste sentido, foi possível elaborar algumas categorias de análise compreendidas a partir da literatura estudada e que são apresentadas neste capítulo. Para fins de organização, a transcrição das entrevistas e as observações foram estruturadas no corpo deste estudo dentro de molduras. As informações verbais e falas da entrevista ganharam destaque em itálico no corpo do texto de análise. Ambas as organizações foram adotadas para diferenciá-las de citações bibliográficas.

5.1 CONVITE E ACOLHIMENTO: “A gente chama a família”

Partindo da ideia de convidar alguém para alguma atividade, podemos dizer que o convite parte de alguém e/ou de um local/estrutura/ambiente/ para o outro, na perspectiva de convidar para visitar; para prestigiar; para admirar; para “participar”. Portanto, é possível refletir sobre o quanto é necessário este ato de “convidar”, isto é, o abrir a porta para, pois, quando queremos que alguém frequente um lugar, até mesmo nossa casa, o que fazemos? E de que/quais formas? Assim, a ideia do convite atua como um atrativo, estímulo e incentivo.

Essas questões nos permitem considerar relevante que, para que as participações das famílias ocorram, primeiro é necessário haver um “convite”, uma “abertura de acesso” que, neste estudo, ocorre por parte da escola.

Ao analisar a entrevista realizada com a diretora da escola, a expressão vinculada à palavra “convidar” foi mencionada algumas vezes: “*Sempre vem famílias participar quando a gente convida*”; “*normalmente, as professoras convidam os pais a observar, a conhecer...*”, ou seja, a escola “convida”, os professores “convidam”.

É possível afirmar que este ato demonstra uma iniciativa da escola através do convite para as famílias. Dessa forma, este ponto não foi considerado apenas uma variável a mais a ser constatada, mas uma categoria de análise fundamental para a compreensão de como a relação família x escola pode vir a existir/acontecer. Alguns relatos legitimam esta ideia de convite:

Sempre vêm famílias participar quando a gente convida, para um plantio, para a construção de alguma proposta. Por exemplo, ano passado eles vieram fazer Pinhatas, eles vieram fazer para o fechamento dos projetos também, quando tem propostas, a coroa do rei quando era proposta Adote um Escritor; já vieram fazer o filtro dos sonhos; proposta com argila. Então o fechamento dos projetos, normalmente, as professoras convidam os pais a observar, a conhecer uma exposição, uma instalação, enfim, ou até mesmo realizar uma proposta com os filhos de fechamento dos projetos. Então, tem esta participação... (Entrevista realizada com a diretora em 09/05/2018).

Portanto, instigado por esta dinâmica destacada na entrevista com a diretora, este estudo aponta dois aspectos de análise que prevalecem nas práticas pedagógicas junto às famílias: o convite e a participação.

O estudo de Lima (2009) afirma a importância de a família compartilhar alguma de suas habilidades e/ou uma curiosidade contribuindo, assim, para aprendizagem e socialização das crianças. Da mesma forma, na pesquisa realizada nesta escola, foi possível reconhecer o quanto participação da família deve ser incentivada pela escola/professores, permitindo maior integração ao ambiente escolar, e com a necessidade do “convite”.

Ao analisar esses aspectos, constatou-se que eles aparecem, preponderantemente, nas falas da professora da escola e em suas práticas junto às crianças. Diante do exposto, é possível compreender que a escola (direção/coordenação) e professores precisam estar de acordo, em prol da participação da família, em concebê-la como parte do cotidiano escolar, em aproximar as famílias, no ato de incluí-las nas propostas e, assim, convidá-las às práticas escolares. Esta perspectiva se confirma quando, em entrevista, a professora relata:

[...] vou te dar um exemplo, ontem nós tivemos um passeio, o que a gente vem pensando o quanto é interessante que as famílias se engajem dentro dessas propostas de saída de passeio com as crianças, porque nem todos passeios são lugares que as famílias frequentam com as crianças, então a gente também quer fazer deste um momento de que as famílias possam vivenciar outras coisas e outros ambientes, principalmente ambientes públicos. Então, nós levamos as crianças ontem na biblioteca, aqui centro municipal de cultura, e é um espaço aberto para todas as famílias, mas que as famílias não conhecem, e nós convidamos as famílias para ir, e vou te dizer que a participação foi muito pequena, todas as famílias, todas as pessoas que queriam ir, poderiam ir... (entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Essa fala carrega uma significância ímpar ao evidenciar o esforço dessa professora, em suas práticas pedagógica, de fomentar a participação das famílias e contribuir para que possam vivenciar outros espaços/ambientes com as crianças. A professora considera a presença de familiares interessante e revela possibilidades de incluir as famílias em diversas práticas/atividades no cotidiano escolar. E, mesmo com poucos familiares se disponibilizando, apenas o ato de convidar, de instigar, já sugere

como ofertar e/ou buscar estabelecer uma relação com os familiares. Como a professora nos revela:

[...] então, nós sempre estamos fazendo esse esforço de chamar as famílias, não só em passeios, mas em festas, eventos na escola para curtirem com as crianças, para viverem este momento de partilha aqui com as crianças, e alguns momentos informais também; às vezes, a gente chama as famílias para nos ajudarem na horta, que agora a gente tem a horta, então para nos ajudarem na manutenção de alguma coisa... (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Outro aspecto importante a se considerar em relação a essa ligação entre a escola/professor na iniciativa de convidar/chamar as famílias a participarem do cotidiano da escola, é o interesse de ambos. A segunda família entrevistada nos afirma gostar de participar e considera importante sua participação na escola. A mãe destaca que:

Eu gosto de participar, eu acho importante ela crescer sabendo que a mãe dela não é só larga e busca na escola. (Entrevista com a família (2) realizada em 09/05/2018).

Duas das famílias entrevistadas revelam seu interesse em participar das práticas pedagógicas na escola:

Eu gosto bastante, gosto de participar, teve uma prática que era... Eu me envolvo! Que ela tinha que se vestir de velhinha e ela parou a rua, porque eu... Literalmente ela ficou uma velhinha, e eu gosto dessas coisas assim. (Entrevista com a família (2) realizada em 09/05/2018).

É importante para a gente ficar sabendo o que as crianças estão aprendendo aqui na escola, desenvolvendo tanto com as crianças, tanto para os pais conhecer. (Entrevista com a família (1) realizada em 09/05/2018).

Essas falas demonstram o quanto é necessária esta parceria entre as instituições, entendidas como escola x família, o quanto contribui tanto para a escola quanto para os familiares e, principalmente, para as crianças. Faz-se importante pontuar isso, uma vez que as crianças atribuem um valor à escola ao ver as famílias fazendo parte deste espaço, participando e contribuindo nas aprendizagens, como a professora da escola relata:

A escola é espaço de aprendizagem para todos, crianças e famílias. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Bem como:

[...] pois quem cria as crianças precisa fazer parte da escola. Isso mostra a importância da escola para as crianças... (Observação realizada em 26/04/2018).

Constatou-se que, para esta relação ser efetivada, é necessário que a escola (direção/coordenação), professoras(es) e famílias tenham como princípio a importância desta perspectiva participativa no cotidiano escolar. Para isso, acredito que a gestão da escola desempenhe um papel fundamental, pois não só o professor está atento na aproximação da família, mas toda a equipe da escola, mostrando interesse e iniciativas em criar conexões de confiança, quanto manter as famílias informadas sobre o que acontece na escola e nas práticas pedagógicas.

A escola pesquisada se destaca, por estar a buscar a participação da família, através do planejamento de diferentes estratégias, contribuindo para um objetivo comum. Conforme afirma a professora da escola:

[...] é crucial para a nossa prática pedagógica, assim como fala a lei. Nós não fazemos a escola de educação infantil sem a família, ela não existe, é como um triângulo, uma mesa que falta um pé, então nosso trabalho fica capenga, ele precisa que a família esteja ali com as crianças e se envolva na proposta que a gente está trazendo, não só nas nossas práticas cotidianas... (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

A escola em que a pesquisa foi realizada, além de evidenciar o ato de convidar/chamar os familiares, mostra o esforço de estar sempre retomando a importância da família para a escola, o que sugere a afirmar o quanto a dimensão do acolhimento aos familiares, é vivenciada naquele contexto, sendo uma escola convidativa e acolhedora. Destaco que o acolhimento, tem o sentido de amparar/acomodar/aceitar as crianças como elas são, assim como de sensibilizar as demandas de cada família considerando as diferentes estruturas familiares. É possível perceber este acolhimento através da fala de uma mãe:

Devido ao meu filho ser especial, eu pesquisei várias escolas e, também visitei algumas escolinhas e, eu não tive... Como vou te dizer... ele não foi acolhido como foi aqui. Aí, eu vim aqui e, me senti acolhida! (Entrevista realizada com a família (3) em 21/05/2018).

Dessa forma, é possível compreender que o convite acolhe, encoraja, encanta e permite a entrada na escola que neste caso, precisa estar com as portas abertas.

Nesta perspectiva, destaca-se “A festa da família”, proposta realizada pela escola para propiciar momentos da família participar das práticas pedagógicas e fazer parte do cotidiano escolar das crianças, ao vivenciarem diferentes propostas que fazem parte do cotidiano da instituição junto com toda a equipe da escola.

Esta festa é planejada pela escola anualmente, assim como “*Happy da escola*” e a “Festa na rua” que tem como objetivo de todos que integrem o contexto familiar da criança, seja por laços de sangue ou afetivos, participem da escola, na tentativa de “desmistificar” que dia da família na escola é dia dos pais, mães, avós. A proposta da festa da família na escola é celebrar este encontro e oportunizar a construção de relacionamentos entre todos os sujeitos que fazem parte da vida coletiva das crianças. O convite para a festa foi feito através de várias formas de comunicação: através de mural em frente à entrada do saguão da escola, para os pais visualizarem ao ir buscar os filhos, também através de um bilhete nas agendas, do blog da escola e, principalmente, por meio de conversa pessoal com as crianças sobre esta festa, bem como, diretamente com os pais que vão à escola, explicando sobre a festa, os atrativos e as participações. Esta questão está expressa no diário de campo:

Foi possível observar que a escola, as professoras(es) retomam o assunto da festa com os familiares todos os dias, conversam com os mesmos de maneira a estimular, trazendo em suas falas alegria e prazer. (Observação do diário de campo realizada na escola em 19/04/2018).

No dia da festa foi possível observar as famílias interagindo junto às crianças no pátio da escola, assim como as famílias conversando entre si, trocando ideias, experiências e afinidades de seus filhos. No momento da pintura na calçada as famílias fotografaram seus filhos e pintaram a calçada junto com eles; na hora do buffet de frutas, foi possível ver as famílias se servindo, compartilhando esta experiência na escola; as famílias também levaram chimarrão e estavam distribuídas pelo pátio da escola. (Observações realizadas na escola em 20/04/2018 e registradas no diário de campo).

Percebe-se, dessa forma, que a escola possibilitou que as famílias fizessem parte do cotidiano escolar das crianças, em um cenário composto de professores, diretora e famílias, demonstrando afeto, interesse, conversando e interagindo, vivenciando de forma efetiva o cotidiano da escola de educação infantil.

Esta vinculação com as famílias foi observada em estudo realizado em Belo Horizonte na UMEI Grajaú, pois a escola realiza a aproximação com as famílias “através de um olhar positivo sobre elas” para estimular a participação dos familiares. Os responsáveis pelo estudo destacam que:

Nessa direção, reforça-se a importância de que as professoras se aproximem cada vez mais das famílias, construindo um olhar positivo sobre elas, acolhendo e refletindo sobre seus saberes e, ao mesmo tempo, compartilhando os saberes e técnicas que desenvolveram na UMEI. (SILVA; LUZ; GOULART, 2016, p.142)

Nota-se, assim, a importância da escola e de seus colaboradores que conseguem “olhar positivamente”, “olhar” o lado positivo dos acontecimentos e das pessoas. Tal afirmação nos instiga a refletir sobre como promover estratégias de acolhimento, considerando todas as ações que determinam a aproximação e participação das famílias na escola. A professora entrevistada afirma:

[...] a gente tem que acolher as famílias, isso é uma coisa que as famílias falam muito aqui nesta escola, tem um acolhimento muito bom. Então, talvez isso já seja nosso primeiro passo, o acolhimento às famílias, não julgar as famílias por ser assim, por ser assado, mas simplesmente acolhê-las, do jeito que elas são. Tem que entender que hoje as configurações são diferentes e dar o nosso melhor as crianças, que a gente sabe que no fundo elas também estão dando o seu melhor para as crianças. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

A questão do julgamento em relação às famílias é uma prática comum no cotidiano das escolas de Educação Infantil. O estudo de Curvelo (2012) destaca a importância de “minimizar o julgamento que poderia fazer às famílias” e de “potencializar o uso da comunicação, dispondo alternativas para as famílias” que não participam. Isso faz com que seja possível estabelecer, aos poucos, a relação entre as famílias e a escola. Em suma, potencializar as formas de comunicação facilita e cria possibilidades de “convite”, assim como auxilia no acolhimento necessário da escola para as famílias. E, como previsto:

A perspectiva do atendimento aos direitos da criança na sua integralidade requer que as instituições de educação infantil, na organização da sua proposta pedagógica curricular, assegurem espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que elas se organizam. (BRASIL, 2013, p.92)

As atitudes fundamentais para a efetivação do trabalho da escola baseiam-se no acolhimento às famílias em suas diversidades e no acolhimento das crianças em suas singularidades. As Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica (2013, p.92) asseguram o respeito às diferentes formas em que as famílias se organizam, pois, as crianças vivem suas infâncias em diferentes configurações familiares e a escola precisa, além de respeitá-las, relacionar-se com elas.

5.2 AÇÃO COMPLEMENTAR: “*Numa sociedade ideal, a escola complementa a ação da família*”

O tempo de permanência das crianças na escola tem uma relação direta com a troca e participação das famílias, já que no artigo 29 da LDBEN, Lei nº 12.796, de 2013, está previsto que:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5(cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2013)

Neste sentido, o tempo da vida das crianças é dimensionado pelo convívio familiar e a vida coletiva na escola. As crianças da EMEI Jardim de Praça permanecem na escola apenas um turno, considerando o pressuposto do artigo 31 da mesma lei: Art. 31. III: “atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)”. Nesta perspectiva, a função da escola de complementar a ação da família, quando na realidade as crianças passam um tempo maior dentro da escola, o que muitas vezes dificulta a participação das famílias nas práticas pedagógicas no cotidiano escolar. Sobre o tempo de permanência das crianças na escola, uma das professoras entrevistadas afirma:

[...] a lei propõe, então, numa sociedade ideal, a escola complementa a ação da família, mas nós não vivemos em uma sociedade ideal, nós vivemos em uma sociedade onde as famílias trabalham exaustivamente, que nós temos famílias que moram na periferia e que faltam muitas coisas, famílias com situações de violência, enfim nós temos “n” situações. Voltando para nossa escola, a nossa escola talvez esteja mais próxima da lei, porque nós somos meio turno, então como nós atendemos meio turno, a criança fica com a família meio turno. Isso faz com que esta criança tenha um período maior em casa com essa família e faz com que nosso trabalho de parceria com as famílias também seja mais intensivo. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Dessa maneira, a partir da fala da professora, percebe-se que a escola não apenas complementa a ação das famílias, mas pode também assumir demandas próprias dos familiares, especialmente no que diz respeito às necessidades das crianças quanto à afeto, princípios, regras, atenção, quando muitas vezes passam o dia inteiro no ambiente escolar.

Destaco que esta questão do tempo de permanência é um fator importante para ser analisado no contexto da participação das famílias na escola, já que o envolvimento das famílias no cotidiano escolar está relacionado com o seu contexto de trabalho e das rotinas de organização familiar.

5.3 AS DIMENSÕES DA PARTICIPAÇÃO: “Mas eu não sei nada, não pude colaborar”

A análise desta pesquisa propiciou alguns questionamentos também quanto às formas de ampliar a participação das famílias neste espaço escolar. Através das entrevistas, assim como nas observações, foram compreendidas, aos poucos, como e de quais formas a escola pode colaborar e auxiliar neste percurso.

Neste sentido, a diretora da escola elenca algumas possibilidades:

Ampliar, porque ofertar a gente já oferta, mas ampliar sempre é possível ampliar a participação das famílias, por exemplo, têm famílias que tem uma mãe artista, uma mãe que é professora, um pai que é músico. Então, de alguma forma a gente já faz isso, na festa da família tem talentos das famílias que se apresentam, tem famílias que não só na festa das famílias, o ano passado que uma família se apresentou em uma festa de encerramento, uma mãe que é palhaça que fez uma apresentação de teatro. Mas, acho que sempre é possível inserir mais as famílias, nós já fizemos oficinas também, isso também é bacana, pois a pessoa não precisa ter uma formação para participar a uma proposta com as crianças. Então acho que sempre é possível, importante na verdade a gente tá pensando, em estratégias de como inserir mais as famílias. Pode ser então, uma família vir fazer uma contação de história, vir uma mãe que é uma artista, um pai que é artista plástico, ensinar uma técnica às crianças, pode ser vir cantar para as crianças/ com as crianças. Então, tem várias maneiras da gente

inserir e, acho que é uma coisa que a gente precisa estar sempre lembrando e buscando. (Entrevista realizada com a diretora em 09/05/2018)

Nesta mesma direção, em uma das observações feitas na escola foi possível analisar a participação dos familiares:

No Show dos Talentos na “festa da família” consegui presenciar as famílias participando nas propostas da escola, como: familiares cantando, dançando, tocando algum instrumento junto com seus filhos, momento que proporcionou a partilha de saberes entre as famílias e as crianças. O cenário era de crianças brincando, famílias fotografando os filhos e, muito envolvidos em clima de alegria e descontração. Os professores, como equipe da escola, conversando com os familiares. (Observação do diário de campo realizada em 20/04/2018).

E um ponto importante a pontuar na fala da diretora é a menção de que as famílias não precisam ter uma formação para participar das práticas pedagógicas na escola. Muitas famílias deixam de participar pelo fato de não saber como fazê-lo, por pensar que “não sabem nada”, que não podem acrescentar nada ao ambiente escolar, porém não é preciso ter uma profissão ou alguma especialidade/função para fazer isso, e este entendimento é de grande importância para aproximar as famílias e a escola. Este fator se comprova na entrevista com a terceira família:

Na festinha eles disseram que poderia participar, com música, poderia cantar, mas como eu não sei nada, eu não pude colaborar... (Entrevista realizada com a família (3) em 21/05/2018).

E, retomando estudos feitos, destaca-se um episódio no livro *A paixão de conhecer o mundo*, da autora Madalena Freire, no qual há uma carta de um dos pais no final do livro, de forma a refletir sobre esta prática:

[...] no todo das experiências de cada um, no entendimento e na leitura do mundo. Ela passa pelos movimentos de procurar, fabricar, comer, trocar, ir à rua (ao planetário, ao Butantã, ao trabalho dos pais). O professor tem que provocar, organizar, agitar e “garantir” a explicitação da vontade de todos. (FREIRE, 2009, s/p)

Sobre esse entendimento, a diretora afirma em sua fala o interesse de buscar e pensar em estratégias de participação das famílias na escola, de modo a criar

possibilidades. A importância dessa busca é evidenciada na fala de uma mãe entrevistada:

[...] tudo eu quero acompanhar, eu acompanho tudo, ela manda tudo, tudo que ele faz a gente acompanha, tem um livro ali que tu/a gente vê tudo que eles fazem, os coleguinhas... Tudo! Fundamental na verdade, isso aqui!... (Entrevista realizada com a família (3) em 21/05/2018).

Este livro, mencionado pela mãe, fica disponível no saguão da escola para as famílias acompanharem ao longo do ano, tornando-se uma participação via instrumentos metodológicos. A ideia é que o livro seja construído a partir das práticas pedagógicas, ao longo do ano, assim novidades são acrescentadas, todas as semanas, através dos registros fotográficos. Além de uma maneira de participação, é uma estratégia de articulação, comunicação e diálogo entre as famílias e a escola.

A escola mantém atualizado o seu blog, que disponibiliza os registros fotográficos das práticas pedagógicas, também é uma estratégia, pois dessa forma é viabilizada outra maneira de compartilhar e das famílias participarem do cotidiano escolar. A proposta do *blog* é ser mais uma das alternativas de comunicação, pensando nas famílias que não tem disponibilidade de tempo, oferecendo, assim, através do *blog*, os informativos de atrações na escola, como pastas com as fotos registradas nos eventos e passeios. Na leitura do *blog* chama à atenção a organização do conteúdo disponibilizado: os registros das práticas pedagógicas estão organizados por turma, com o título “O que nossas crianças andam fazendo?”, separados por cada atividade realizada. Cabe salientar, que o *blog* é atualizado pela coordenadora da escola, que mantém este cuidado de acrescentar os trabalhos realizados pelas turmas/atualizá-lo periodicamente. A organização e principalmente o cuidado para que o *blog* esteja atualizado, demonstra o comprometimento da escola com as famílias.

As práticas realizadas na escola, bem como o livro e o *blog*, possibilitaram compreender algumas das ações para viabilizar a participação das famílias, e permitiram refletir sobre os vários sentidos de se efetivar novas práticas com instrumentos metodológicos que venham a contribuir nesta construção de relacionamentos e estratégias de participação das famílias na escola.

Outro enfoque produtivo na análise, a partir desta entrevista com a diretora, é a avaliação das propostas pedagógicas realizadas com os familiares, no fato de a

escola se preocupar com o interesse dos familiares, em ter um retorno sobre o que as famílias pensam a respeito das propostas.

[...] é importante que as escolas pensem, façam uma avaliação das propostas com as famílias, isso é uma coisa que a gente faz, a gente manda no final do ano, porque as crianças vão ter mais um ano na escola (JA), a avaliação de todas as propostas que a escola fez ao longo do ano, propostas de interação com a família, eventos, enfim, reuniões, passeios. A gente encaminha uma avaliação e solicita sugestões, enfim, e é bem interessante, também a escola tem que saber se o que ela está propondo está sendo interessante para a família. (Entrevista realizada com a diretora em 09/05/2018).

A diretora nos apresenta a ideia de “retorno”, de fazer as práticas e planejamentos das propostas pedagógicas procurando conhecer a opinião e a avaliação das famílias. Este retorno não deixa de ser uma resposta relativa ao resultado sobre o que foi planejado, reconhecendo o que cada família, ao participar ou não, compreende das propostas na Escola. A escola também busca saber os motivos que impossibilitaram as famílias de estarem presentes.

Destaco que esta participação e avaliação está relacionado diretamente à comunicação necessária em todos os momentos, entre família e escola, proporcionando um diálogo permanente entre a escola e as famílias.

O estudo de Boito (2017) apresenta modos de criar diálogos e, assim, melhorar a comunicação entre escola e as famílias, possibilitando envolver as famílias e suas realidades no contexto da escola. Também um ponto importante a ser ressaltado em relação a este retorno, mencionado no livro “Crianças, professores e famílias: olhares sobre a Educação Infantil”, sobre a experiência EMEI Grajaú, está em valorizar as formas de comunicação, não descartando a “possibilidade de ampliarmos o diálogo” junto às famílias. (2016, p.175). Sobre esta questão, a diretora da escola salienta, em sua entrevista, que este é um fator importante a ser repensado:

Pode que muitas vezes, as propostas, ou alguma proposta não seja tão interessante para a família, então não é nem que a família não se interesse e não queira participar, mas também pode acontecer de que aquela proposta não atrai. Então, como tornar as propostas mais interessantes para os pais é um desafio, e no retorno da avaliação

contribui, porque a gente pode pensar para o ano seguinte. (Entrevista realizada com a diretora em 09/05/2018).

É importante destacar, que organizar um instrumento de avaliação no final do ano para os familiares das turmas de “Jardim A” é um esforço de ofertar uma forma de comunicação a partir dos encontros e interações que acontecem com as famílias na escola, legitimando a importância de uma avaliação sistemática da proposta desenvolvida pela escola, tendo como objetivo principal ter um retorno dos familiares e sobre seus interesses e/ou desinteresses, com o intuito das famílias se sentirem atraídas por práticas de seu interesse. Ao considerar a relação entre escola e família, a avaliação se intensifica; sua dimensão é valorizada, pois ela preocupa-se com o “bem-estar do outro” entendendo todos os professores/profissionais, crianças, bem como com outros colaboradores.

Em suma, a avaliação implica em analisar as experiências no contexto da escola, de como está o dia a dia, compartilhando com as famílias, conquistas e desafios, pois a avaliação se apresenta a todo o momento, durante o cotidiano escolar na Educação Infantil.

A qualidade do trabalho pedagógico que se desenvolve em creches e pré-escolas está vinculada à relação adulto-criança no espaço institucional, sobretudo na medida em que o planejamento e a avaliação sistemática do que se faz, por que e como se faz é uma constante no dia a dia educativo e compartilhada com as famílias. Daí advém a necessidade de criação e diversificação de várias formas de comunicação entre família e instituição, tais como informativos, agendas, momentos de encontros, reuniões, blogs, portfólios, dentre outros. (BRASIL, 2015, p.71)

A partir de documentos que normatizam e orientam a educação infantil brasileira (BRASIL, 2010) é possível perceber que a avaliação na educação infantil está voltada para o “acompanhamento e registros do desenvolvimento das crianças”, que pode ser ofertado junto/ em relação à família no cotidiano escolar. A avaliação nesta etapa requer olhar sensível e reflexivo sobre as crianças, e isso ocorre principalmente, através de suas interações com “outros”. Como menciona os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009):

A instituição de educação infantil é um espaço de vivências, experiências, aprendizagens. Nela, as crianças se socializam, brincam e convivem com a diversidade humana. A convivência com essa diversidade é enriquecida quando os familiares acompanham as vivências e as produções das crianças. Estando aberta a essa participação, a instituição de educação infantil

umenta a possibilidade de fazer um bom trabalho, uma vez que permite a troca de conhecimento entre familiares e profissionais em relação a cada uma das crianças. Assim, família e instituição de educação infantil terão melhores elementos para apoiar as crianças nas suas vivências, saberão mais sobre suas potencialidades, seus gostos, suas dificuldades. Isso, sem dúvida, contribui para aprimorar o processo de “cuidar e educar”. (BRASIL, 2009, p. 57)

De acordo com o parecer CNE/CEB nº 20/2009, a avaliação deve acontecer da seguinte forma:

A avaliação é instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram o material oferecido, o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades. (BRASIL, 2009, p.16-17)

Destaca-se que nesta pesquisa são retratadas propostas articuladas a ideia do parecer acima, caracterizadas como práticas pedagógicas que salientam as "interações das crianças" e seu desenvolvimento integral, logo, das interações junto aos adultos – evidenciando as famílias –, como parte importante da avaliação de contexto na Educação Infantil.

5.4 ESCOLA: ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DE TODOS

A autora Hannah Arendt trata da dimensão e percepção da escola como um espaço de domínio público, afirma que:

Nenhuma atividade pode tornar-se excelente se o mundo não proporciona um espaço adequado para o seu exercício. Nem a educação, nem a engenhosidade, nem o talento podem substituir os elementos constitutivos do domínio público, que fazem dele local adequado para a excelência humana. (ARENDR, 2010, p.56)

Assim, refletindo sobre o espaço público, é um local de livre acesso e gozo de todas as pessoas/cidadãos, onde se proporciona o convívio e, conseqüentemente, a educação, a política, a arte. Portanto, o espaço público é o espaço de manifestação no sentido mais amplo possível, e é direito fundamental o seu uso, no caso, brasileiro, assegurado constitucionalmente no direito de ir e vir.

A professora entrevistada relata não sentir as famílias fazendo parte daquela escola/espço público, e relata sentir que as pessoas não sabem que este espaço é de todos e para todos. É válido pontuar que ela traz em sua prática esta dimensão porque leva em consideração o contexto em que a escola está inserida, propiciando em sua fala que a escola é um espaço público que todos têm direito de usufruir, e afirma ainda que conscientiza os familiares neste sentido, destacando que a escola “*Tá aqui a serviço deles*”.

O entendimento de que o espaço, a escola e os funcionários se organizam em torno da educação das crianças é evidenciado na seguinte fala:

[...] uma coisa que nós temos visto, de a família não se apropriar de um espaço que é público, então nós aqui na escola temos mais uma característica, nós somos [uma escola] pública, ou seja, nós somos para comunidade, da comunidade e para a comunidade. E isso as famílias não têm essa visão, que o espaço público é um espaço para que seja ocupado, e ele é de todos. E esse também é nosso esforço, de mostrar o quanto público “que não é que não é de ninguém”. Isso também é uma fala do nosso país, “o que é público não é de ninguém”, não, o que é público é de todos e serve para todos. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Diante do exposto é imprescindível considerar que esta escola possui um olhar que conscientiza as famílias de seus direitos, como o direito de ocupar um espaço público, que neste contexto é a própria escola. Esta fala também expressa o ato mencionado pelas famílias sobre o acolhimento. Este aspecto ainda fica evidente quando a professora menciona:

[...] as famílias ainda não enxergam a escola como um espaço de participação delas, elas não percebem a potência que tem neste espaço, então acaba ser um papel nosso educar essas famílias para que elas enxerguem a escola como algo que todos fazem parte, crianças, famílias participam, mas assim ainda é um esforço muito grande para nós. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Ao analisar a fala, é possível compreender o esforço da professora desta escola de fazer com que as famílias percebam seu espaço, este espaço que faz parte de todos e que é para todos. A fala da diretora, também se destaca neste sentido:

Precisa de um convite. Minoria das vezes, os pais se propõem a vir ajudar, poucos pais, mas sempre tem/precisa ser combinado. “Não é espontâneo.” (Entrevista realizada com a diretora em 09/05/2018).

E, mais uma vez, demonstra a importância da iniciativa da escola em relação às famílias, em ser convidativa, em ter este acolhimento aos familiares, estabelecendo, assim, um primeiro passo “a ser acordado” para que esta relação se efetive. A terceira família entrevistada confirma esta ideia ao afirmar que só participa quando a escola a chama:

Só mais quando têm algumas coisas, reunião, festinhas, as coisas que chamam a gente. Porque no mais eu participo pela agenda. A festa da família tem os passeios, passeio sempre participo, acompanho ele. (Entrevista realizada com a família (3) em 21/05/2018).

Pontua-se que, embora estes aspectos sejam latentes nessa instituição, é imprescindível considerar que há famílias que possuem uma demanda de trabalho maior, impossibilitando, por isso, a participação nas propostas pedagógicas da escola. Como afirmam Silva, Luiz & Goulart (2016):

Com isso, queremos dizer que as famílias não são um universo homogêneo, de modo que, ao nos referirmos às famílias das crianças de uma EMEI como a UMEI Grajaú, estamos nos referindo a diferentes formas de organização familiar, condições de trabalho dos responsáveis, níveis de renda, escolaridade, condições de moradia, entre tantas outras características. Além desses elementos, relacionados à composição dos núcleos familiares e a suas condições de vida, é importante também considerar os valores e as formas de organizar o cotidiano que são diversos e nem sempre correspondem à imagem que a IEI tem das formas de vida das famílias. (SILVA; LUZ; GOULART, 2016, p. 158.)

Contudo, é possível inferir que esta questão está bem esclarecida junto à escola pesquisada, pois a professora revela compreender e saber quais são os familiares que, realmente, não têm condições de participar.

[...] óbvio que tem essa questão também do trabalho, a maioria trabalha nos dois turnos 40 horas, a gente também tem essa questão, isso a gente compreende, mas eu sei que muitas famílias que não trabalham 40 horas, teriam disponibilidade... Não foram e era momento que não era só para as crianças, era para as famílias interagirem

com as crianças, naquele espaço de biblioteca. E foi mandado um bilhete sobre isso. (Entrevista realizada com a professora em 19/05/2018).

Os estudos de Bonfante (2017) enfatizam, nenhuma prática ausenta a necessidade da presença, interesse e participação da família na escola, mesmo que existam materiais e/ou lugares adequados à disposição das crianças. Isso mostra a relevância das famílias fazerem parte deste espaço e de participarem das práticas pedagógicas.

[...] mas eles não se veem participante, momento que eles vêm aqui, a maioria da vezes, eles ficam numa posição de espectador, parece que eles vêm para assistir algo, eles vem para receber algo, eles não vêm para contribuir com algo, então isso nós estamos tentando mudar, este discurso que a escola é só para mostrar algo para a família. (Entrevista realizada com a professora em 09/05/2018).

Nesta perspectiva, justifica-se que o acolhimento da escola é de suma importância, pois poderá fazer diferença ao atrair estes familiares ao ambiente escolar, de maneira a sentirem-se interessados a participar das práticas pedagógicas. Nesta escola é possível observar o esforço realizado ao tentar aproximar a família da escola, através das práticas pedagógicas e mesmo das festas e passeios realizados. A escola, dessa forma, se torna um espaço para agregar valores e trocar culturas entre crianças e famílias.

5.5 PROMOVER A PARTICIPAÇÃO: UMA PRÁTICA DE GESTÃO

Partindo do entendimento de que foi imprescindível o trabalho em equipe – formada por direção, coordenação e professores, entre outros colaboradores – para que a participação da família se efetiva nas escolas, é importante ressaltar que:

Estudos têm demonstrado que uma variável crítica na educação é a qualificação e motivação dos profissionais que compõem a equipe escolar. Em larga medida, são eles que fazem a diferença entre uma escola que oferece boas condições de aprendizagem e outra em que o fracasso é regra. (MACHADO, 2000, p.97)

Nesse contexto, é possível perceber que não adianta apenas os professores terem a iniciativa de aproximar as famílias da escola quando, por exemplo, a equipe diretiva não está de acordo e trabalhando em prol desta perspectiva. Até mesmo a situação inversa, em que a equipe diretiva compreende os benefícios desta participação, mas os professores – por um motivo ou outro – não façam questão de compartilhar, integrar as famílias às práticas e ao cotidiano escolar das crianças, inviabiliza o estabelecimento de relações participativas entre escola e família. Machado (2000) questiona:

Estão as nossas escolas e suas lideranças preparadas para tomarem suas próprias decisões de modo compartilhado? A escola está se colocando como espaço público de decisão da e com a comunidade? Até que ponto nossas escolas e suas lideranças ultrapassaram a cultura autoritária? Até que ponto estamos excluindo nossos alunos? Estão nossas escolas preparadas para ser *accountables*?⁴ Estas e outras são questões a serem consideradas na capacitação das equipes escolares. (MACHADO, 2000, p.100)

Esses questionamentos evidenciam um fator de suma importância, pois, para que a relação entre escola e família se desenvolva, é necessário que professores e equipe diretiva estejam “de acordo” com a participação das famílias junto às práticas pedagógicas. Para isso, a equipe escolar precisa estar, de fato, de “portas abertas” para as famílias e a comunidade.

Este aspecto provém de uma grande demanda que requer, compromete e envolve a equipe da escola – de forma geral – em estar preparada para incluir e/ou buscar estratégias de agregar, acolher e integrar, estabelecendo possibilidades e alternativas de participação, como foi possível demonstrar ao longo dos estudos e análise desta pesquisa. A autora Maria Aglaê de Medeiros Machado afirma:

Ao tratar da relação entre gestão e desempenho escolar dos alunos, o Saeb identificou que os melhores resultados obtidos pelos alunos são observados em escolas que exercem controle direto sobre seus recursos, que têm conselhos ativos, coordenação pedagógica, equipes com expectativas positivas sobre os alunos e que mantêm os pais informados sobre os resultados. Como se pode depreender, os progressos são heterogêneos e diversificados e refletem tanto o estágio da gestão, quanto o perfil das lideranças escolares. Trata-se de questões pertinentes ao processo de transição de um modelo de gestão burocrático, centralizado e autoritário para um modelo democrático, flexível, com foco nos resultados, que implica mudanças de cultura, maior consciência de direitos e deveres dos profissionais envolvidos, maior participação e controle social e, também,

⁴ *Accountable*: essencialmente é ter seus objetivos bem definidos, se comprometer com eles e se responsabilizar pelas consequências. Dicionário Americano: A qualidade ou estado de ser responsável; uma obrigação ou disposição de aceitar responsabilidade ou dar conta de suas ações. (MACHADO, 2000).

melhor desempenho dos dirigentes escolares. Estão as nossas lideranças capacitadas para coordenar a construção do Projeto Pedagógico da Escola? Para liderar a construção de uma cultura de sucesso na escola? Para desenvolver uma gestão participativa? (MACHADO, 2000, p.102)

Conforme estudos, Machado (2000) aponta para o contexto da educação infantil a necessidade de uma gestão democrática e flexível para acolher as famílias, professores, profissionais e crianças. Neste sentido é importante mencionar, também, que é fundamental o conhecimento da legislação e normatização que rege a Educação Infantil, de modo que toda a equipe possa ajustar o foco, as crianças, pois o essencial é atender as demandas das crianças, vivenciando a função principal que é cuidar e educar de modo indissociável, com o objetivo o desenvolvimento integral das crianças compartilhado entre escola e família.

Os estudos realizados levam a considera a importância de uma gestão participativa, em que toda comunidade escolar seja convidada a contribuir: crianças, professores, funcionários, familiares, propiciando assim, a integração entre todos. É de fundamental importância, portanto, que a gestão foque em realizar um trabalho em prol da integração família-escola, pois a direção pode influenciar, assim como “motivar a todos” – principalmente a sua equipe – no estabelecimento de uma relação positiva e participativa entre escola e família.

5.6 A PARTICIPAÇÃO É UM PROCESSO CONSTRUÍDO: “*Eu gosto de participar, de estar por dentro*”

Nota-se, de forma geral, que a relação da família com a escola é tratada de forma excepcional, não “esperada”, não envolvendo, desta forma, as famílias em outras demandas, como o trabalho pedagógico e as práticas junto aos profissionais que atuam na escola.

Quanto à importância que a integração família x escola tem no desenvolvimento das crianças, Souza (2012) afirma:

A participação da família no ambiente escolar é fundamental no processo ensino-aprendizagem. Família e escola são os principais suportes com que a criança pode contar para enfrentar desafios, visto que, integradas e atentas podem detectar dificuldades de aprendizagem que ela possa apresentar, podendo contribuir de maneira eficiente em benefício da mesma. (SOUZA, 2012, p.6)

É possível concluir que as crianças que possuem o acompanhamento das famílias na escola apresentam maior interesse em aprender, pois demonstram processos de desenvolvimento mais sólidos, proporcionando benefícios em suas aprendizagens. O não acompanhamento, por outro lado, pode provocar o sentimento de desmotivação, visto que:

Antigamente costumava-se atribuir à criança toda culpa por seu fracasso escolar. Hoje, porém, já se reconhece que as dificuldades em aprendizagem não se dão no vazio, e sim em contextos, tanto situacionais, quanto interpessoais. Não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança como ponto de referência: o "contexto" em que a criança se encontra precisa ser considerado. (SOUZA, 2012, p.1)

Evidente que a escola/professores, e principalmente a família, estão diretamente ligados às aprendizagens das crianças, fazendo de seu desenvolvimento. A participação da família não contribui apenas com a escola, mas em relação à educação da criança, ao proporcionar-lhe estímulos, valor em relação ao espaço escolar, seus processos de desenvolvimento, aprendizagens e práticas pedagógicas. Souza (2012, p.11) considera que “[...] a participação constante dos pais e o acompanhamento intensivo do ensino de seu filho são imprescindíveis para que a educação atinja os objetivos”. A autora também afirma:

Manifestar interesse pelas atividades que os filhos realizam na escola, como expressão de sua preocupação pela atuação da instituição e de seu apoio a ela. Dando a devida importância à escola e essa “assistência”, os pais não estarão contribuindo apenas para um bom desempenho do professor em seu trabalho, como também demonstrarão aos filhos, que têm interesse na vida escolar e que dão valor no conhecimento e novas habilidades que desenvolve. (SOUZA, 2012, p.12)

Além disso, esta relação pode ser benéfica para a autoestima das famílias e para o fortalecimento de vínculos entre as crianças e os familiares. Através das falas das famílias entrevistadas é notável esta experiência de “motivação de todos”, foi possível perceber o prazer e a alegria das famílias em participar de algumas práticas na escola, como saber o que está acontecendo no cotidiano escolar. E este acompanhamento, ocorreu através de várias ações, como a leitura do livro no saguão da escola, participação nos projetos pedagógicos, acompanhamento das propostas vivenciadas na escola através do blog, envio de bilhetes/ através da agenda e conversas pessoalmente; enfim, são ações que expressam um processo de

acompanhamento e se caracterizam por oferecer possibilidades efetivas de participação das famílias na escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Não precisa de uma fórmula mágica”

É importante registrar ao chegar na etapa final de construção deste estudo, que a chegada à escola, foi uma grande experiência que contribuiu muito para minha formação, pois tive a oportunidade de encontrar um espaço escolar diferente do que costumava frequentar. Posso dizer, então, que foi uma surpresa “o lugar de pesquisa”, uma vez que presenciei, dentro do possível, a participação das famílias – e levou certo tempo para que pudesse me familiarizar com as ações desta escola –, de forma que através desta pesquisa, apresento possibilidades para a construção de práticas e estratégias que integrem escola e família.

Ao longo desta análise de dados houve uma mudança quanto ao entendimento da possibilidade de participação da família na escola. No início da pesquisa, como escolha do tema, buscava descobrir como se dava a participação da família à escola, como se pudesse existir uma única forma de buscar/criar a participação “correta”, a mais coerente e bem-sucedida, até mesmo como uma “fórmula mágica”. Contudo, ao longo dos estudos e, principalmente, da análise, esta ideia foi se desconstruindo. As observações da prática pedagógica, do cotidiano escolar e das entrevistas permitiram ampliar o entendimento sobre o tema e ficou clara, então, que a participação não acontece apenas de uma maneira, mas de várias. Foi possível refletir, assim, sobre as alternativas e possibilidades de criar estratégias no cotidiano da escola para que esta relação de fato possa se efetivar. Precisamos compreender, portanto, que “participação não é resultado de processos automáticos e espontâneos, mas de uma conquista diária e consequência do fortalecimento da responsabilidade dos indivíduos.” (PELLEGRINI, 1999, p.26). As observações na escola, às entrevistas realizadas e as leituras referenciadas ao longo da pesquisa mostram que a participação da família no cotidiano escolar traz inúmeros benefícios para os processos de aprendizagem das crianças e contribui para a solidificação de laços de confiança, afetividade e responsabilidade entre a escola, a família e a criança.

Como apontado ao longo do texto, a escola, especialmente mantida pelo poder público, é um espaço da comunidade, não excluído dos demais processos sociais. Se a jornada de trabalho dos familiares é grande, ou seja, se o tempo no trabalho dificulta a presença na escola, a instituição precisa criar estratégias para promover uma aproximação entre essa relação.

O ato de ter uma atitude que “convida e acolhe” mostrou-se, fundamental como observado nas entrevistas e nas anotações do diário de campo. O planejamento com antecedência e a comunicação constante com os familiares, são percebidos pelas famílias como “receptividade da escola”. Também, ações complementares, como a atualização do blog e do livro que documenta e registra as práticas educativas da escola, também sinalizam a intenção de acolhimento da instituição e são de fácil acesso.

No processo de formação da criança é necessário considerar todos os aspectos de sua realidade, seus laços afetivos, a constituição de sua identidade, e a seu contexto familiar, aqueles que a cercam e são responsáveis por ela, são parte fundamental deste processo. Nota-se, dessa forma, a necessidade de criar e executar estratégias que aproximem as duas instâncias, escola e família. Para isso é importante diminuir a distância entre saber institucionalizado – e, por isso, autorizado –, e saber informal, representado pela instância afetiva familiar. Como espaço social, a escola precisa acolher as famílias, integrando-as nos processos educativos. Este acolhimento relacionado ao olhar positivo sobre as famílias e a constituição de laços na vida das crianças são fundamentais para a construção de um relacionamento entre famílias e escola.

Neste sentido, não se pode generalizar as famílias, pois são diversas, com contextos diferentes umas das outras e isso deve ser considerado ao tratar de “participação das famílias”. Deve-se, assim, criar possibilidades e alternativas das famílias participarem junto à escola, pois este vínculo fortalecerá a escola se todos – equipe direção, professores, famílias – tiverem o mesmo foco, o de atuar e contribuir com experiências de qualidade para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Simone Santos. A participação das famílias como uma política educativa. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 31, p. 617-628, set./dez. 2014.

_____. **Para além do ou “isto” ou “aquilo”**: os sentidos da educação das crianças pequenas a partir das lógicas de seus contextos familiares. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16404>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Práticas Cotidianas na Educação Infantil**: Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Brasília: MEC/UFRGS, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BOITO, Crisliane. **Práticas pedagógicas para infâncias no/do campo**: experiências de uma escola em interlocução com crianças e famílias. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/165691>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BONFANTE, Maria Eduarda. **Família e escola**: encontros e desencontros, desafios e possibilidades. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/171055>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BRASIL. **Contribuições para a Política Nacional**: a avaliação em educação infantil a partir da avaliação de contexto. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. MEC/SEB/COEDI, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/04/seb_avaliacao_educacao_infantil_a_partir_avaliacao_conte_xto.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Diretrizes curriculares gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Distrito Federal, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009:** Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Políticas Nacionais de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Brasília: MEC, SEB, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Lizia Benites da. **O que esperar da Educação Infantil? A visão de um grupo de pais sobre a escola da Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de curso de especialização. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/153216>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CURVELO, Angélica Aparecida Alves. **Sentidos e significados do educador da infância sobre a família**. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16031>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FRANÇA, Luisa. **Proposta pedagógica da escola: O que é uma proposta pedagógica**. Disponível em: <<http://appprova.com.br/entenda-a-importancia-da-proposta-pedagogica-da-escola/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

KLAUS, Viviane. **A família na escola: uma aliança produtiva**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/13258>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

LACERDA, E. M. A importância da participação da família no processo educacional da criança. **Hetec História, Educação e Tecnologias**, v. 1. Rondonópolis/Mato Grosso, 2012.

LIMA, Liliana Correia de. Interação Família-Escola: Papel da família no processo ensino-aprendizagem. **Pedagoga PDE**, Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2009-8.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

MACHADO, Maria Aglaê de Medeiros. Desafios a Serem Enfrentados na Capacitação de Gestores Escolares. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 72, p. 97-112, fev./jun. 2000.

PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado de Letras, Fapesq, 1999.

RIO GRANDE DO SUL. **Radiografia da Educação Infantil no Rio Grande do Sul**. TCE/RS, Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www1.tce.rs.gov.br/portal/page/portal/tcers/publicacoes/estudos/estudos_pesquisas/radiografia_educacao_infantil_2015/Radiografia_2015.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; GOULART, Maria Inês Mafra (Orgs.). **Crianças, professoras e famílias**: olhares sobre a Educação Infantil. Belo Horizonte: Mazza, 2016.

SOARES, Adriana Fraga. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Alvorada, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/35706>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SOUZA, Jacqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Trabalho de conclusão de curso de especialização. Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Estadual do Vale do Acaraú e INESC, Instituto de Estudos Superiores do Ceará. Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

VICTORA; Ceres Gomes, KNAUTH; Daniela Riva, HASSEN; Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos**. Tradução de Christian Matheus Herrera. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A – Roteiro de observação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Roteiro de observação do “Dia da família na escola”:

- Como as famílias foram recebidas a escola? Chegada e acolhimento
Aqui e bem importante observar como as famílias se sentem!
- Eles participaram no planejamento deste dia da família?
- Como foi pensado este dia da família? Por quem?
- Quantas famílias foram e/ou participaram das propostas na escola?
- Quais eram os parentescos e/ou vínculos dos familiares das crianças na escola?
- Como/Quais maneiras foram organizadas, conduzidas a participação das famílias na escola com as atividades/práticas?
- Foi inscrição? Todos convidados? Como foram os convites?
- Em algum momento foi prestigiada pela Direção e/ou educadoras a participação da família na escola?
- Durante o evento houve alguma crítica das famílias em relação à escola?
- Haverá algum tipo de devolutiva? Avaliação por parte da escola e /ou das famílias?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista (Diretora/Professora)**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO****ENTREVISTA COM UM REPRESENTANTE DA GESTÃO DA ESCOLA (DIREÇÃO
OU COORDENAÇÃO) E COM UM(A) PROFESSOR(A)****APRESENTAÇÃO**

Prezada Professora,

- 1) Iniciar com apresentação da pesquisadora e da pesquisa.
- 2) Agradecimento: Gostaria de agradecer a sua participação na pesquisa sobre a participação da família nas práticas pedagógicas da escola de Educação Infantil, ela é resultado de um estudo de caso para o trabalho de conclusão do curso de pedagogia na UFRGS.
- 3) Objetivo: O objetivo desta pesquisa é conhecer como as famílias participam das práticas pedagógicas no cotidiano da escola.
- 4) Importante lembrar:
 - *Leitura do TCLE e assinatura de ambas as partes, deixar uma cópia com a professora e uma cópia fica para a pesquisadora;
 - Lembrar que a entrevista será gravada e transcrita, mas em que nenhum momento será identificado(a);**
 - * **Relembrar que pode ser interrompida a qualquer momento;**

PERGUNTAS:

1. Gostaria de iniciar nossa conversa sobre tua opinião sobre como vê a inserção das famílias na escola. Qual o perfil das famílias atendidas nesta escola.
2. E como se dá a participação destas famílias junto às práticas pedagógicas no cotidiano da escola?
3. Esta participação é voluntária ou precisa de um convite?
4. Consideras que há um comprometimento das famílias das crianças com a escola? Como? De que forma?
5. O que pensas sobre a seguinte premissa prevista na LDBEN, [Lei nº 12.796, de 2013](#)) que consta no “Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. O que significa no âmbito desta escola este “complementar”?
6. Como a escola poderia ofertar/ampliar a participação das famílias na escola?
7. Consideras que este assunto/tema tenha relevância “A participação da família nas práticas pedagógicas da escola”.
8. Tens algum comentário sobre o tema da pesquisa.

Agradecer e desligar o gravador de forma visível.

FINAL DA ENTREVISTA

Neste momento é muito importante o agradecimento, destacando a cooperação e a disponibilidade da professora/direção para participar da pesquisa. Procurar chamar o

entrevistado pelo nome e destacar como será a devolutiva da pesquisa. Solicitar contato: número de telefone e/ou e-mail para contato para alguma dúvida posterior, e também deixar contato (carta da pesquisa). Anotar o horário de início e término da entrevista, bem como a descrição dos participantes, interrupções, impressões.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com a Família

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTA COM A FAMÍLIA

APRESENTAÇÃO

Prezada/o,

- 1) Iniciar com apresentação da pesquisadora e da pesquisa.
- 2) Agradecimento: Gostaria de agradecer a sua participação na pesquisa sobre a participação da família nas práticas pedagógicas da escola de Educação Infantil, ela é resultado de um estudo de caso para o trabalho de conclusão do curso de pedagogia na UFRGS.
- 3) Objetivo: O objetivo desta pesquisa é conhecer como as famílias participam das práticas pedagógicas no cotidiano da escola.
- 4) Importante lembrar:
 - *Leitura do TCLE e assinatura de ambas as partes, deixar uma cópia com a professora e uma cópia fica para a pesquisadora;
 - Lembrar que a entrevista será gravada e transcrita, mas em que nenhum momento será identificado(a);**
 - * **Relembrar que pode ser interrompida a qualquer momento;**

PERGUNTAS:

1. O que pensam sobre a Educação Infantil? Bem como suas expectativas em relação a educação nesta faixa etária?

2. Como a família chegou até a escola? Como foi esta trajetória e/ou escolha da escola.
3. Frequentam a escola EMEI Jardim de Praça? Desde quando?
4. Como é a participação de vocês no cotidiano da escola? Em quais momentos?
5. O que consideram sobre a participação das famílias na escola, junto às práticas pedagógicas da escola?
6. Esta participação acontece no dia a dia da escola, em festas quando são convidados, em reuniões, em que momentos do cotidiano da escola a família tem participação?
7. Vocês familiares conversam com seu filho sobre a escola (em casa, fora do ambiente escolar)?
8. Frequentam a escola dos demais filhos? Quando? Em quais momentos, se houver, quais idades e ano de ensino.
9. O que pensam sobre a obrigatoriedade nesta faixa etária de 4 a 5 anos? Neste tópico é importante conversar e/ou informar a família sobre a questão da obrigatoriedade de matrícula. Nosso objetivo é também reconhecer as expectativas em relação à obrigatoriedade de matrícula das crianças de 4 e 5 anos.
10. Vocês têm alguma sugestão e/ou algo a relatar sobre a participação das famílias na escola?

FINAL DA ENTREVISTA

Neste momento é muito importante o agradecimento, destacando a cooperação e a disponibilidade da família para participar da pesquisa. Procurar chamar o entrevistado pelo nome e destacar como será a devolutiva da pesquisa. Solicitar contato: número de telefone e/ou e-mail para contato para alguma dúvida posterior, e também deixar contato (carta da pesquisa). Anotar o horário de início e término da entrevista, bem como a descrição dos participantes, interrupções, impressões.